

UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS- UFGD
CURSO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS

JOHN LENNON BENVINDO GARCIA

**O COOPERATIVISMO DE CRÉDITO NO BRASIL: A ATUAÇÃO DO SICREDI
PARA O DESENVOLVIMENTO REGIONAL**

Dourados

2018

JOHN LENNON BENVINDO GARCIA

**O COOPERATIVISMO DE CRÉDITO NO BRASIL: A ATUAÇÃO DO SICREDI
PARA O DESENVOLVIMENTO REGIONAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Examinadora da Universidade Federal da Grande Dourados, como pré-requisito para obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais, sob a orientação do Prof. Dr. Marcos Leandro Mondardo.

Dourados

2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP).

G216c Garcia, John Lennon Benvindo
O COOPERATIVISMO DE CRÉDITO NO BRASIL: ATUAÇÃO DO SICREDI PARA O
DESENVOLVIMENTO REGIONAL [recurso eletrônico] / John Lennon Benvindo Garcia. -- 2018.
Arquivo em formato pdf.

Orientador: MARCOS LEANDRO MONDARDO .
TCC (Graduação em Relações Internacionais)-Universidade Federal da Grande Dourados, 2018.
Disponível no Repositório Institucional da UFGD em:
<https://portal.ufgd.edu.br/setor/biblioteca/repositorio>

1. COOPERATIVAS CRÉDITO. 2. DESENVOLVIMENTO REGIONAL. 3. Siredi. I.
Mondardo, Marcos Leandro. II. Título.

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

©Direitos reservados. Permitido a reprodução parcial desde que citada a fonte.

AGRADECIMENTOS

Agradeço e dedico este trabalho a Deus, por me conceder o dom da vida, pelo cuidado e zelo que teve comigo durante todos este tempo da graduação, por ter guardado e protegido durante intercambio e durante os mais de 250 quilômetros percorridos de casa à universidade todos os dias. Agradecer por ter me dado força quando necessitei e paciência quando necessário.

Á minha Esposa Rita Colman Garcia, por entender que minha ausência de segunda a sábado (às vezes até mesmo domingos, feriados e até por meses durante intercâmbio) fazia parte de um projeto maior, e que no tempo certo colheríamos estes frutos juntos. Foi você que fez este caminho se tornar mais fácil e o fardo mais leve, seja em palavras, atitudes, carinho, mas acima de tudo com muito amor e um belo sorriso no rosto, sou eternamente grato Rita.

Á minha família, o alicerce mais forte da minha vida, minha mãe pelo carinho e afeto de sempre, ao meu pai pelos princípios e parceria, ao meu irmão por sempre ser facilitador; Obrigado Família Garcia e Oderdenge por sempre me proporcionaram todas as chances e oportunidades para alcançar mais esta etapa. Menção especial a minha avó Geni Silvério por entender minha ausência durante este período, teus disseres sempre estarão minha memória: - *depois que você foi faculdade quase não vem me ver*, esta era sua forma mais simples disser que estava saudades.

Ao curso de Relações Internacionais (FADIR E UFGD) e aos professores que convivi e fizeram parte desta minha construção educacional, profissional, mas acima de tudo intelectual e humana, em cada aula sempre deixava um pedaço de mim para levar um aprendizado de cada um de vocês. Aos meus amigos de curso e classe, minha eterna gratidão, foram com vocês que compartilhei meus anseios, dores, lágrimas, mas o que sempre será lembrado serão os mais sinceros sorrisos.

Ao meu orientador, Marcos Leandro Mondardo, que com sua enorme competência foi norteador no processo de conclusão da minha graduação, sempre paciente e disponível a ajudar, um exemplo de professor que ama aquilo faz, tenho certeza que foi a “profissão” que te escolheu e não ao contrário; meus sinceros agradecimentos, sua competência, responsabilidade e conhecimento foram essenciais para a conclusão deste trabalho.

RESUMO:

O COOPERATIVISMO DE CRÉDITO NO BRASIL: A ATUAÇÃO DO SICREDI PARA O DESENVOLVIMENTO REGIONAL

O objetivo desta pesquisa é analisar o cooperativo de crédito no Brasil por meio da atuação do Sicredi para o desenvolvimento regional no cone sul do estado de Mato Grosso do Sul. Inicia-se com uma base histórica do cooperativismo no mundo, tratando inicialmente do surgimento da primeira cooperativa formal composta por artesões ingleses que ficou mundialmente conhecido como os Pobros Pioneiros de Rochdale. As influências, os princípios, as conquistas alcançadas e os ensinamentos deixados pelos Rochdales também serão analisado na seqüência, assim como quais órgãos foram fundamentais para ascensão inicial deste modelo denominado cooperativismo. Por segundo a chegada destas cooperativas de créditos ao Brasil, no qual inicialmente foi fortemente promulgada por imigrantes europeus, como caso da primeira cooperativa de crédito brasileira criada em 1902, pelo padre suíço Theodoro Amstadt, verificaremos a diferença entre as cooperativas de crédito e os bancos e as vantagens e normas que regem as cooperativas de crédito. Apresenta-se número de como estas cooperativas vem de desenvolvendo no Brasil e o aumento de sua participação no Sistema Financeiro Nacional, exemplificando o caso da Cooperativa de Crédito Sicredi. Será feita uma análise associando o cooperativismo nas relações internacionais, através da teoria liberal. Por fim apresenta-se a importância regional que estas cooperativas têm em seus estados, neste dando ênfase as cooperativas de crédito no estado do Mato Grosso do Sul, e para tanto, apresentando dados das cooperativas de crédito sul-mato-grossense ligadas ao sistema Sicredi, mais especificamente com a cooperativa de crédito Sicredi Centro-Sul MS, que atua em 23 municípios da região cone sul do estado. Finalizando apresentamos o retorno que esta tem dado a sua região, quer seja através da oferta de produtos, distribuição de sobras ou dos programas sociais desenvolvidos pela Sicredi Centro-Sul MS.

PALAVRAS CHAVES: Cooperativas Crédito, Desenvolvimento Regional, Sicredi.

ABSTRACT

The first chapter of this work focuses on presenting a historical basis of cooperativism in the world, initially dealing with the emergence of the first formal cooperative made up of English artisans who became known worldwide as the Rochdale Pioneers. The influences, principles, achievements and teachings left by the Rochdales will also be analyzed in the sequence, as well as which bodies were fundamental for the initial rise of this model called cooperativism. By the second the arrival of these credit cooperatives to Brazil, in which it was initially strongly promulgated by European immigrants, as in the case of the first Brazilian credit cooperative created in 1902 by the Swiss priest Theodoro Amstadt, we will verify the difference between credit unions and banks and the advantages and norms that govern credit cooperatives. In the final part of this chapter we will also present a number of how these cooperatives are developing in Brazil and increase their participation in the National Financial System, exemplifying the case of the Sicredi Credit Cooperative. It will be fair an analysis associating cooperativism in international relations, through liberal theory. In the third and last, we will present the regional importance that these cooperatives have in their states, with emphasis on credit cooperatives in the state of Mato Grosso do Sul, and for that purpose, presenting data from credit unions in South-Mato Grosso linked to the system Sicredi, more specifically with the credit cooperative Sicredi Centro-Sul MS, which operates in 23 municipalities in the conesul region of the state. Finally, we present the return it has given to its region, whether through the supply of products, distribution of leftovers or social programs developed by Sicredi Centro-Sul MS.

KEYWORDS: Cooperativism, Credit Cooperatives, Sicredi.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACI	Aliança Cooperativa Internacional
ANCOSOL	Associação Nacional de Cooperativismo de Crédito e Economia Solidária
BANCICREDI	Banco Cooperativo Sicredi
BANCOOB	Banco Cooperativo do Brasil
BC	Banco Central
CMN	Conselho Monetário Nacional
FATES	Fundo de Assistência. Técnica, Educacional e Social
FGCOOP	Fundo Garantidor do Cooperativismo de Crédito
MS	Mato Grosso do Sul
OCB	Organização das Cooperativas Brasileiras
PF	Pessoa Física
PJ	Pessoa Jurídica
UNICREDI	Confederação Nacional das Cooperativas Centrais

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
METODOLOGIA.....	12
OBJETIVO.....	12
CAPÍTULO 1- DINÂMICA HISTORICA DO COOPERATIVISMO.	15
1.1 - Os Pioneiros de Rochale.....	17
1.2 - Princípios do Cooperativismo.....	18
1.3 - Precusores do Cooperativismo.....	20
1.4 - ACI E OS PRINCÍPIOS DO COOPERATIVISMO.....	21
1.4.1 - Princípios da Adesão Livre e Voluntária.....	22
1.4.2 - Gestão Democrática e Livre	22
1.4.3 - Participação Econômica dos Sócios.....	22
1.4.4 - Educação, Formação e Informação.....	23
1.4.5 - Intercoperação.....	23
1.5 - RAMOS DO COOPERATIVISMO.....	23
1.6 - COOPERATIVISMO NO BRASIL E A CRIAÇÃO DA OCB.....	24
CAPITULO 2 - COOPERATIVISMO DE CRÉDITO BRASILEIRO	26
2.1 - COOPERATIVAS DE CRÉDITO NO BRASIL E SUAS VANTAGENS.....	27
2.2 - DIFERENÇAS ENTRE BANCOS E COOPERATIVAS DE CRÉDITO.....	29
2.3 - NORMATIVOS DAS COOPERATIVAS DE CRÉDITO NO BRASIL.....	31
2.4 - EXPANSÃO DAS COOPERATIVAS DE CRÉDITO NO BRASIL.....	32
2.5 - DESENVOLVIMENTO DAS COOPERATIVAS DE CRÉDITOS NO BRASIL.....	33
2.6 - ESTRUTURAÇÃO DO SISTEMA NACIONAL DE CRÉDITO COOPERATIVO.....	36
2.6.1 - Cooperativas Singulares.....	37
2.6.2 - Cooperativas Centrais ou 2º Grau.....	37
2.6.3 - Confederações e Bancos Cooperativos.....	37
2.7 - SISTEMA CRÉDITO COOPERATIVO SICREDI.....	38
CAPÍTULO 3 - O COOPERATIVISMO DE CRÉDITO NO MATO GROSSO DO SUL.....	41
3.1 - SICREDI CENTRO-SUL.....	42
3.1.2 - Associados da Cooperativa Sicredi Centro-Sul MS.....	44

3.1.3 - Sobras da Cooperativa de Crédito Sicredi Centro-Sul MS.....	47
3.1.4 - Distribuição das Sobras.....	48
3.1.5 - Fundo Social.....	50
3.1.6 - Programa Crescer.....	50
CONCLUSÃO.....	53
REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS.....	54

INTRODUÇÃO

A Europa nos séculos XVIII e XIX foi responsável por várias transformações econômicas, políticas, sociais e ideológicas. Tais transformações se deram com a Revolução Industrial que processou-se particularmente na Inglaterra. Esta se iniciou com a mecanização e inovação das indústrias, ocorrendo assim uma substituição dos operários pelas máquinas, as poucas vagas restantes saíam dos cuidados das mulheres e era destinado a crianças, das quais não tinham seus direitos validados, com isso houve a marginalização da classe operária visando o lucro, pagavam-se menos e produziam-se mais, em um contexto sem legislação e com comércio internacional aquecido, o que resultou a concentração da riqueza nas mãos de poucos. Elevou-se assim o desemprego, a miséria e a fome, que gerando graves problemas sociais.

Indignados com esta situação, os operários cansados do descaso do Estado resolvem tomar atitude frente a esta realidade e ao novo padrão econômico (o capitalismo) estabelecido que visava apenas o lucro. Aborrecidos com as fábricas e as classes dominantes, os operários necessitavam dar uma resposta aos problemas. Neste momento, 28 tecelões ingleses, na cidade de Manchester, resolvem abrir um armazém com princípios de cooperação, onde comprariam alimentos no atacado e venderiam a preço justo, no qual parte do lucro do armazém ainda retornaria aos seus associados. Armazém este que se tornou a primeira cooperativa do mundo; este modelo de ajuda mútua em prol de um determinado objetivo, que neste caso era econômico, recebeu o título de cooperativismo (CORREIA e MOURA 2001, p.5; BRAGA,2001).

Seguindo modelo Europeu, o cooperativismo chega ao Brasil no Século XIX, mais precisamente na cidade de Ouro Preto-Minas Gerais, coincidentemente com o modelo inglês, no Brasil também foi criado pela classe trabalhadora baseada no consumo de seus associados, que nesta época em sua grande maioria era composta por imigrantes. Já a primeira cooperativa de crédito surge em 1902 no Rio Grande do Sul na cidade de Nova Petrópolis, sob o comando do Padre Jesuíta Theodor Amstad, que trouxe ao Brasil o conhecimento adquirido sobre o cooperativismo quando ainda residia na Europa. No Brasil ele reuni alguns colonos e criam a primeira cooperativa de crédito, denominada “Sociedade Cooperativa Caixa Econômica e Empréstimos de Nova Petrópolis”, que após várias fusões se mantém em atividade até hoje, intitulada Cooperativa de Crédito Sicredi. Partindo do modelo da cooperativa do Padre Theodor, várias outras cooperativas de crédito surgiram. Apesar dos 13

ramos do cooperativismo veremos que a crédito é a que mais se destaca no Brasil contemporâneo.

Observaremos que o Cooperativismo, historicamente no Brasil ultrapassou a barreira econômica, tomando caráter social, principalmente por sua dinâmica de desenvolvimento regional, que até então foram na contra mão das grandes instituições financeiras que buscavam os grandes centros urbanos; as cooperativas buscavam cada vez mais expandir suas agências para as médias e pequenas cidades, trazendo consigo integração e qualidade de vida, visto que 100% do resultados destas cooperativas ficam em seus municípios de origem (SICREDI, 2018). As cooperativas de créditos já possuem mais unidades de atendimento do Brasil do que quaisquer outras instituições financeiras do sistema financeiro nacional, algumas cidades são única instituição financeira, atuando, em 23 Unidades da Federação e com mais de 3,8 milhões de associados.

O cooperativismo de crédito chega no Mato Grosso do Sul em 1989, quando foram criadas dez cooperativas independentes; porém em 2001, três resolvem se unir para melhorar o atendimento e aumentar seu poder de negociação. Desta forma foi criada a primeira cooperativa ligada ao sistema Sicredi, denominada Sicredi Centro-Sul MS, sendo que após estas foram criadas outras 4 Cooperativas no MS ligadas ao Sistema Sicredi. Entretanto a Sicredi Centro-Sul MS é a que mais se destaca estando presente em 23 cidades do estado, com mais de 26 agências nestes municípios, gerando, em 2017, mais de 75 milhões reais de resultado somente nestes 23 municípios. Esse resultado que coloca como segundo melhor resultado entre todas as cooperativas do sistema Sicredi (SICREDI, 2018).

Demonstrando cada vez mais preocupação com o desenvolvimento regional, a Cooperativa toma medidas com as sobras das cooperativas em benefício de seus associados assim como de seus municípios. Quando nos associamos, vemos que além das sobras que retornam em cota capital e conta corrente, os associados têm decidido em assembléia aumentar a rentabilidade da poupança e aplicação automática. Outra parte vai para FATES (Fundo Assistência Técnica, Educacional e Social) que desenvolve capacitação e educação financeira aos associados e a comunidade em geral, como exemplo o Programa Crescer. Destaque também para o Fundo Social, parte do resultado da cooperativa é destinada para que cada agência possa atender a parte social de seu município.

METODOLOGIA

Este trabalho relaciona a partir de uma revisão bibliográfica apontada, uma definição ampla conceitualmente abrangente e abordagens a respeito do cooperativismo e sua história. Também é apresentado teses e contra teses sobre as diferentes formas assumidas pelas cooperativas ao longo do tempo. Para a correta realização da pesquisa, foi necessário buscar informações em materiais bibliográficos do tipo: livros, teses, dissertações, revistas, também foi necessário se basear em documentos internos da empresa.

OBJETIVOS

Objetivo geral deste trabalho foi analisar o cooperativismo de crédito Brasileiro, realizando uma análise tanto no âmbito estadual quanto nacional. Analisamos o cooperativismo de crédito no estado de Mato Grosso do Sul, a partir do caso da expansão das cooperativas de crédito ligadas ao sistema Sicredi, especificadamente a Sicredi Centro-Sul MS e sua colaboração para desenvolvimento regional, tanto financeiro quanto social.

Morato e Costa (2001), dizem que a cooperativa é uma das formas avançadas de organização da sociedade civil, pois proporciona o desenvolvimento sócio-econômico aos seus integrantes e à sociedade participa, exerce a democracia, a liberdade e autonomia. É na cooperativa que se exerce o cooperativismo.

Quanto o Regionalismo, Rogério Haesbaert (2010), em seu livro “Regional Global: dilemas da região e da regionalização na geografia contemporânea”, conceitua que o termo região é extremamente amplo pode abordar: um domínio um reino; uma extensão de terra; uma área ou extensão com características mais ou menos definidas; um clima; uma região administrativa de uma cidade e outros.

Haesbaert propõe uma análise sobre o conceito de região e suas definições ao longo da história da ciência geográfica. Sendo a origem do termo região associada a um recorte e/ou delimitação.

Sobre o conceito de região e suas definições ao longo da evolução da ciência geográfica. Sendo a origem do termo região associada a um recorte e/ou delimitação. A região construída através da atuação de diferentes sujeitos sociais (genericamente: o Estado, as empresas, as instituições de poder não-estatais e os distintos grupos sócio-culturais e classes econômico-políticas) (HAESBAERT, 2004, p. 42).

Observando a definição de Haesbaert verifica-se que as cooperativas de crédito refletem este desenvolvimento regional seja pela sua área de extensão ou ainda por seu desenvolvimento regional, baseado em todo o Sistema Sicredi, que rompe as fronteiras municipais, efetuando desenvolvimento a nível nacional, seja ele material ou intelectual através dos programas e educação.

Paras as teorias de Relações Internacionais, no cooperativismo a interdependência é extremamente relevante, ela pode ser vista tanto na relação associado x cooperativa, quanto na relação cooperativa x centrais, ou seja, de forma individual ou coletiva os sujeitos estão sempre na busca por seus interesses. Nas cooperativas o resultado desta busca por interesses (cooperação) retorna em benefícios para local onde estas atuam, sem que haja a intervenção direta do Estado. Pode-se analisar o cooperativismo através de algumas teorias debatidas dentro do campo das Relações Internacionais, sendo as principais: teoria liberal, funcionalista, neofuncionalista, institucionalismo.

Para os Liberais, o Estado não precisa necessariamente ser o único tomador de decisão no que diz respeito à cooperação entre os Estados. Essa teoria possibilita dentro da integração regional a ascensão de novos sujeitos sem deixar de lado a importância dos Estados nas relações internacionais (MARIANO, 1995). Podemos verificar que a cooperativa pode ser caracterizado como um destes entes que a escola Liberal relata.

Na escola funcionalista, defendida entre outros por Karl Deutsch e David Mitrany a obtenção de vantagens se dá por meio da cooperação, que pode ser entre os Estados, no nosso campo de análise podemos observamos essa cooperação entre os associados, e entre estes e as cooperativas. O funcionalismo passou por um processo de reformulação durante os anos 50 e 60 do século XX, e posteriormente surgiu a Teoria neofuncionalista. (DOUGHERTY; PFALTZGRAFF. Jr, 2003, p. 650).

No neofuncionalismo, há uma participação maior de entes no processo de integração regional e a acomodação dos interesses presentes nas regiões envolvidas (MARIANO; 2002 p.65), há uma preocupação regional nas cooperativas, no qual as mesmas ajudam no desenvolvimento financeiro e social das regiões que atuam.

Já o institucionalismo defende a ideia de que os sujeitos possuem alguns interesses comuns, entendendo que a cooperação é uma forma de obter ganhos significativos, verificamos que este interesse comum é um dos motivos pelos quais as pessoas ou empresas

se se associam as cooperativas. Portanto, as cooperativas de crédito como forma de desenvolvimentos regional pode ser observada das teorias distintas abordadas, pois estas facilitam a compreensão do processo de cooperação que os associados e as cooperativas se submetem, que resultando no desenvolvimento regional (MARIANO; MARIANO, 2002, p.60).

O primeiro capítulo deste trabalho tem como foco apresentar uma base histórica do cooperativismo no mundo, trata inicialmente do surgimento da primeira cooperativa formal que foi composta por artesões ingleses que ficou mundialmente conhecido como os Pobros Pioneiros de Rochdale. As influencias, os princípios, as conquistas alcançadas e os ensinamentos deixados pelos Rochdales também serão analisado na seqüência, assim como quais órgão foram fundamentais para ascensão inicial deste modelo denominado cooperativismo. Por segundo a chegada destas cooperativas de créditos ao Brasil, no qual inicialmente foi fortemente promulgada por imigrantes europeus, como caso da primeira cooperativa de crédito brasileira criada em 1902, pelo padre suíço Theodoro Amstadt, verificaremos a diferença entre as cooperativas de crédito e os bancos, assim como as vantagens e normas que regem as cooperativas de crédito.

Na parte final deste capítulo ainda apresentaremos número de como estas cooperativas vem se desenvolvendo no Brasil assim como aumentando sua participação na Sistema Financeiro Nacional, exemplificando o caso da Cooperativa de Crédito Sicredi, assim como verificando que esta cooperação nas relações internacionais são analisadas através da teoria liberal de Relações Internacionais.

No terceiro e último, apresentaremos a importância regional que estas cooperativas tem em seu espaço de atuação, neste dando ênfase as cooperativas de crédito no estado do Mato Grosso do Sul, e para tanto, apresentando dados das cooperativas de crédito sul-mato-grossense ligadas ao sistema Sicredi, mais especificamente com a cooperativa de crédito Sicredi Centro-Sul MS, que atua em 23 municípios da porção conesul do estado; finalizando apresentamos o retorno que esta tem dado a esse espaço regional, quer seja através da oferta de produtos, distribuição de sobras ou dos programas sociais emplementados pela Sicredi Centro-Sul MS.

CAPITULO 1 - DINÂMICA HISTÓRICA DO COOPERATIVISMO

O Cooperativismo teve seu início no capitalismo da Inglaterra na segunda metade do século XVIII, e na Europa, pois este continente passou por importantes transformações sociais e principalmente econômicas. Estas transformações se deram na ruptura do paradigma socioeconômico (feudalismo) vivenciado na segunda metade do século XVIII, no qual vinha se instalando o processo de desenvolvimento capitalista, até então ligado às mercadorias, principalmente as do setor têxtil. Com a Revolução Industrial na Inglaterra, ainda no século XVIII, inicia-se o processo de mecanização industrial, no qual naquele momento o capital que era investido apenas na atividade comercial transita para o setor da produção. A mecanização se iniciou no setor têxtil, devido o amplo mercado nas colônias. O resultado imediato no aumento da produção gera maior capital, que conseqüentemente é reinvestido nas máquinas para maior produção, tal mecanização se expandiu para o setor metalúrgico e para os transportes (MENEZES, 2004)

Uma das principais contradições do processo da Revolução Industrial foi à alienação do trabalhador em relação à sua atividade. Ao contrário do artesão da Antiguidade ou da Idade Média, o operário moderno perdeu o controle do conjunto da produção. Torna-se o responsável por apenas uma parte do ciclo produtivo de uma mercadoria, ignora os procedimentos técnicos envolvidos. Além disso, recebendo “salário” em troca da atividade mecânica realizada, o operário alienava o produto de seu trabalho ao capitalismo transformando-o em mercadoria sujeita ao mercado (VICENTINO, 2001).

Tais transformações trouxeram impactos sociais, eliminando a relação e práticas feudais que, ainda, subsistiam, pois com a introdução das máquinas a produção aumentou e o número de operários reduziu o que posteriormente ocasionou greves, resistências e elevado número de desempregos.

Bialoskorki Neto, (2006) em seu livro “Aspectos Econômicos das Cooperativas” relata que em uma realidade de pobreza e exploração do trabalho, o trabalhador era submetido a uma jornada de 17 horas diárias, passavam fome e não contavam com nenhum benefício social, em um mundo de desemprego, carência e miséria. No âmbito econômico, a industrialização potencializou o lucro, permitindo ao capitalista o poder de barganha até mesmo no âmbito internacional. Isso aumentou não somente os negócios como o acúmulo de capital, a exemplo de indústrias que acumularam fortunas. Houve a concentração e a centralização ainda maior do capital em poder da classe dominante que expandia seus

negócios, como, por exemplo, a expansão das industriais algodoeiras inglesas, que se destacaram na época (MENEZES, 2004).

Este processo agravou ainda mais a desigualdade social, pois enquanto a classe dominante acumulava riqueza, a classe operária era submetida a baixos salários, sem legislação trabalhista para defender seus direitos, são submetidos a cargas horárias excessivas, em ambientes de trabalho totalmente insalubres. O desejo de alavancar os lucros e diminuir os custos de produção fez até mesmo, que crianças e mulheres fossem utilizadas como mão-de-obra, pois suas forças de trabalho eram mais baratas. Esta realidade levou crianças a aprenderem desde cedo à profissão para serem inseridas no mercado de trabalho. a vida precária dos operários era equivalente a dos escravos em plantações americanas, e evidencia explicitamente que:

Fizeram elas (as máquinas), muitas vezes, com que homens robustos e capazes fossem alijados de seus empregos pelo trabalho mais barato de mulheres e crianças. Além disso, muitas fábricas, particularmente as de tecidos, eram piores do que prisões. A atmosfera viciada, o calor sufocante, a falta de higiene, a par de horários intoleráveis de trabalho, reduziam inúmeros operários a pobres criaturas macilentas e minadas pela tísica, arrastando bom número deles ao alcoolismo e ao crime. As condições de habitação dos pobres eram abomináveis. Ainda em 1840, em Manchester, um oitavo das famílias da classe operária vivia em porões. Outras se amontoavam em habitações coletivas, com até doze pessoas a morar num só cômodo. Eram tão pavorosas essas condições que os empregados das fábricas inglesas tinham, no começo do Século XIX, nível de vida inferior ao dos escravos nas plantações americanas. (MENEZE, 2004, p. 151)

Bialoskorski Neto (2006) considera que, mesmo em meio a este cenário de desigualdade social, atrelado com os ganhos exorbitantes dos capitalistas, sem que estes tivessem concorrência, gerou uma revoltas nos tecelões, os quais começaram a criar um grupo com ideias socialista que pregavam:

“A cada um, de acordo com seu trabalho”, “A cada um segundo a sua capacidade, a cada um segundo a sua necessidade”. E muitos destes inconformados que mais tarde em 1844, durante uma economia liberal é que fundam na Inglaterra a Sociedade dos Probos Pioneiros de Rochedale, o que mais tarde viria a ser a primeira Cooperativa. (BIALOSKORKI NETO, 2006, p.22)

A partir destas desigualdades os tecelões resolvem se unir, para que de forma coletiva pudessem mudar a situação, buscando assim uma melhor qualidade de vida para si mesmo e suas famílias. Perceberam que os primeiros passos deveriam tomar era em relação a parte financeira, e que a forma de romper estas barreiras seria a solidariedade, mais precisamente seria a abertura de um empreendimento em comum, neste caso o armazém cooperativo, com produtos básicos a sobrevivência de seus associados como a farinha de trigo, aveia, manteiga, açúcar, carvão, entre outros produtos.

1.1 Os Pioneiros de Rochdale

Surge na Inglaterra em 1844, Toad Lane, Distrito de Lancashire, a primeira Cooperativa alicerçada em ideais considerados utópicos pensado por Karl Marx e Robert Owen, entre outros. Contudo, foi através das mãos de 28 tecelões que realmente emergiram as cooperativas. Um momento histórico, no qual os ideais saem da teoria para serem aplicados na prática, mesmo sabendo que a época era inoportuna, visto que a primeira e grande cooperativa começou a se consolidar no período em que a Europa se inclinava a ter um mercado capitalista (menos direitos e mais lucros), período posteriormente denominado de Revolução Industrial.

Assim, a consolidação da Cooperativa de Rochdale em contexto histórico adverso, certamente é lembrada por todos quando se pensa em cooperativismo, principalmente por ter surgido em meio a um período de muitos conflitos, tensões e contradição na relação indústria x trabalhadores. Assim, a primeira cooperativa (Cooperativa de Rochdale) surge definitivamente em vinte e um de dezembro de 1844, baseados em ideias já discutidas antes, que agora são colocadas em práticas por um grupo de trabalhadores denominados como “Pioneiros de Rochdale” que buscavam melhores condições de vida, trabalho e remuneração.

Um grupo de operários tecelões (27 homens e uma mulher), sob a influência de intelectuais socialistas, defende fundar uma cooperativa de consumo denominada Rochdale Society of Equitable Pionners, iniciada em dezembro de 1843. Os seus fundadores economizaram durante um ano, integralizando uma libra esterlina cada um e somente iniciou suas atividades em dezembro de 1844, na cidade de Rochdale, no condado de Lancashire, na Inglaterra. (NAMI, 2009, p.37)

O momento era conflituoso para os trabalhadores, o processo de industrialização inglês crescia de forma assombrosa, pois alocavam os trabalhadores a grandes jornadas de

trabalhos, condicionados a baixos salários, e cada dia mais substituindo os mesmos por máquinas, o que aumentava cada vez mais os lucros e a produção. Neste contexto os funcionários iniciaram as tentativas de buscarem seus direitos, reivindicando aumento salarial, visto que a jornada tinha aumentado para até 17 horas por dia, e maior participação nos lucros das indústrias. Mas em uma realidade de desemprego e grande oferta de mão-de-obra, prontamente os capitalistas negavam os pedidos dos trabalhadores. Então os mesmos começaram a refletir sobre como poderiam enfrentar tal situação, buscando crescer e melhorar sua condição de vida.

Os trabalhadores buscavam alternativas para tal condição histórica, então este grupo já citado de 28 tecelões se unem para abrir um grande armazém que pudessem armazenar e vender produtos e comidas para o próprio consumo, entretanto baseado agora no modo cooperativo, no qual passaram a comprar os alimentos no atacado, adquirindo a preço de custo (compras comunitárias), de início vendiam no armazém: farinha, açúcar, manteiga, trigo e aveia. Nasce assim o armazém que eles abasteciam constantemente, que era rígido por regras pré definidas (5% lucros eram aos acionistas, e o restante era dividido entre os associados) que viriam dar alicerces para uma nova dinâmica econômica, a Sociedade dos Probos Pioneiros de Rochdale (SANTOS, 2009).

A Rochdale se torna a primeira cooperativa moderna do mundo, cuja finalidade era permitir uma maior distribuição de produtos para consumo seus membros, os cooperados. Assim:

Iniciada como cooperativa de consumo em 1844 com 28 tecelões já citados, em 1848 já eram 140 associados, em 1849 eram 390, durante este período o capital já teria saído de 30 libras para 1.194; “Entre os anos de 1848 a 1854 a cooperativa cresceu a uma razão de 740%”, doze anos depois chegariam a 3.450 membros e com um capital de 152 mil libras. (SCHNEIDER, 1991, p.38)

1.2 Princípios do Cooperativismo

Os tecelões fundadores do cooperativismo vinham há aproximadamente um ano antes a abertura do armazém, ou seja, em 1843 já pensava normas estatutárias e organizacionais que objetivava:

- Formação de capital para emancipação dos trabalhadores, mediante economias realizadas com a compra em comum de gêneros alimentícios.

- Construção de casas para fornecer habitação a preço de custo.
- Criação de estabelecimentos industriais e agrícolas com duplo objetivo: produção direta e economicamente tudo o que fosse indispensável às necessidades dos trabalhadores, e assegurar trabalho aos operários desempregados ou que percebiam baixos salários.
- Educação e luta contra o alcoolismo.
- Comercialização (compra e venda) somente a dinheiro, para que os cooperados só assumissem compromissos dentro de suas possibilidades orçamentárias, e evita o crédito, que considerava um “mal social”.
- Cooperação integral.

No momento em que os tecelões tinham convicção de quais eram seus objetivos, foi necessário criar os princípios, normas e estrutura organizacional que os levariam a alcançar tais objetivos e para isso criam pilares do cooperativismo (REISDORFER, 2014).

- Livre adesão e demissão dos sócios - as cooperativas são organizações voluntárias, abertas a todas as pessoas aptas a utilizar os seus serviços e assumir as responsabilidades como membros, sem discriminações de sexo, sociais, raciais, políticas e religiosas.
- Direito de um voto por associado (um homem - um voto) - as cooperativas são organizações democráticas, controladas pelos seus membros, que participam ativamente na formulação das suas políticas e na tomada de decisões. Os homens e as mulheres, eleitos como representantes dos demais membros, são responsáveis perante estes. Nas cooperativas os membros têm igual direito de voto (um membro, um voto);
- Juros limitados ao capital - os membros contribuem equitativamente para o capital das suas cooperativas e o controlam democraticamente. Parte desse capital é, normalmente, propriedade comum da cooperativa. Os membros recebem, habitualmente, se houver, uma remuneração limitada ao capital integralizado, como condição de sua adesão
- Distribuição das sobras (lucros) proporcional à operação - Os membros destinam os excedentes, neste caso parte das sobras os associados recebem de volta na proporção das suas transações com a cooperativa;

- Fundo de reserva para aumento do capital - a para o desenvolvimento das suas cooperativas, criam fundos de reserva, da qual esta parte é indivisível.
- Fundo de reserva para desenvolvimento da educação - as cooperativas promovem a educação e a formação dos seus membros, dos representantes eleitos e dos trabalhadores de forma que estes possam contribuir, eficazmente, para o desenvolvimento das suas cooperativas. Informam o público em geral, particularmente os jovens e as lideranças populares, sobre a natureza e as vantagens da cooperação.

1.3 Precusores do Cooperativismo

No início do cooperativismo, os Rochdale foram influenciados por ideais até então pensado como utópicos por percussores, estes não concordavam com as situações desumanas que os operários vivenciavam e então fomentavam experiências e idéias que poderiam mudar o pensamento e comportamento da sociedade, sempre preocupados com as questões sociais por isso foram denominados “socialistas”. Estas idéias foram essenciais para influenciar os tecelões na formação da primeira cooperativa, e na manutenção da mesma até atingir ápice de seu objetivo e desenvolvimento. Reisdorfer (2014) descreve alguns estudiosos que influenciaram os Rochdale:

- Robert Owen (1771-1858) - chamado de “profeta da cooperação”, afirmava que o homem é o resultado de seu meio social. Para modificá-lo, seria necessário modificar o meio social, mas de forma pacífica, gradual e moderada, a fim de que nenhuma parte do corpo político nem do indivíduo sofresse com a mudança. A modificação do caráter dos indivíduos, por sua vez, acarretaria mudanças no sistema social. Suas principais ações baseavam-se em: a) combater o lucro e a concorrência, por considerá-los os principais responsáveis pelos males e injustiças sociais; b) combater a divisão social entre operários e patrões, pois considerava que toda a produção devia ser dos trabalhadores; c) criar medidas previdenciárias e de assistência social aos funcionários de sua fábrica.
- François Marie Charles Fourier (1772-1837) - procurou harmonizar os interesses dos trabalhadores, dos capitalistas e dos consumidores, pois acreditava que “as desigualdades entre pobres e ricos faziam parte do plano de Deus e tudo o que provém de Deus é bem feito”, e que os problemas econômicos e sociais poderiam ser resolvidos por meio dos Falanstérios, onde os homens viveriam suas diferenças com justiça e harmonia.

- Phelippe Josepnh Benjamins Buchez (1796-1865) - propunha a associação cooperativa dos operários por categoria profissional de forma pacífica e sem espoliações, para que eles se tornassem profissionais livres, e pudessem ter poupanças em comum; empréstimos em comum; e, assegurassem salários iguais a todos. As principais características da associação cooperativa defendida por Phelippe Buchez eram: a) sustentação financeira sem o auxílio do Estado; b) a dupla função aos associados de empresários e empregados; c) retorno das sobras (lucros) proporcionais ao trabalho; d) a indivisibilidade e inalienabilidade do capital social da cooperativa.
- Louis Blanc (1812-1882) - defendia a associação de operários em fábricas sociais, que, no primeiro momento, seria organizada e financiada pelo Estado, pois defendia que o Estado era responsável pelos problemas econômicos e sociais. As fábricas sociais seriam organizadas por estatutos próprios, mas dentro do princípio da igualdade, segundo o qual as sobras líquidas seriam divididas em três partes, sendo uma para os operários, uma constituiria um fundo de assistência social e o restante para capitalização e fortalecimento financeiro do empreendimento (REISDORFER, 2014).

1.4 ACI E OS PRINCÍPIOS DO COOPERATIVISMO

A Aliança Cooperativa Internacional é uma federação de cooperativas (organização não-governamental independente), fundada durante o congresso internacional do incipiente movimento cooperativo que ocorreu em Londres em 1895, objetivo é reunir, representar e servir as cooperativas em âmbito global, desde então se tornou referência internacional.

Responde por mais de 1 bilhão de pessoas, conta com mais de 230 organizações distribuídos por mais de 100 nações presentes nos 5 continentes; Sua sede foi em Londres de 1895 até 1982 e atualmente esta sediada em Bruxelas na Bélgica. Para defender e preservar os princípios cooperativistas de forma mais ampla, a ACI tem quatro sedes continentais: América, Europa, Ásia e África. Desde sua criação em 1895 a ACI foi importante para alavancar as cooperativas, em 1946 foi a primeira organização não governamental a participar de um Conselho Consultivo das Nações Unidas.

Apresentado a ACI, veremos que os Rochdale também foi influenciador das organizações. Oliveira (1979) afirma que as iniciativas dos tecelões ingleses repercutiram na dinâmica dos fatos socioeconômicos, prova disto ocorre em 1930, durante congresso da ACI em Viena, quando eles questionam a utilização dos princípios Rochdleanos pelas

cooperativas, como vimos antes, princípios estes adotados pelos Rochdaleanos no estatuto social ainda em 1844.

Em 1937 em Paris, os princípios de Rochdale foram estabelecidos como princípios que deveriam ser empregados por todas as cooperativas do mundo, posteriormente, a ACI realizaram mais duas alterações nos princípios por acreditarem que eles ficaram ultrapassados, sendo que tais modificações ocorreram em 1966 e 1995, respectivamente. Macpherson (2003) relata que em 1995, em Londres, foram aprovados pela ACI os setes princípios Cooperativos (OCB, 2017)

1.4.1 Princípio da Adesão Livre e Voluntária

As cooperativas são organizações voluntárias, abertas a todas as pessoas aptas a utilizar os seus serviços e assumir as responsabilidades como membros, sem discriminação social, racial, política, religiosa e de sexo.

1.4.2 Gestão Democrática e Livre

Cooperativas são organizações democráticas controladas pelos seus membros, que participam ativamente no estabelecimento de suas políticas e na tomada de decisões. Homens e mulheres servindo como representantes eleitos são responsáveis pela filiação. Em cooperativas primárias, os membros possuem direitos de votos iguais (um membro, um voto), e cooperativas em outros níveis também são organizadas de uma maneira democrática.

1.4.3 Participação Econômica dos Sócios

Os membros contribuem equitativamente para o capital das suas cooperativas e controlam-no democraticamente. Parte deste capital é, normalmente, propriedade comum da cooperativa. Os membros recebem, habitualmente, se houver uma remuneração limitada ao capital integralizado, como condição de sua adesão. Os membros destinam excedentes a uma ou mais das seguintes finalidades: desenvolvimento das suas cooperativas, eventualmente através da criação de reservas, parte das quais, pelo menos, será indivisível; benefícios aos membros na proporção das suas transações com a cooperativa; apoio a outras atividades aprovadas pelos membros. Autonomia e independência caracterizam as cooperativas como organizações autônomas, de ajuda mútua, controladas pelos seus membros. Se firmarem acordos com outras organizações, incluindo instituições públicas, ou recorrerem a capital

externo, devem fazê-lo em condições que assegurem o controle democrático pelos seus membros e manter sua autonomia.

1.4.4 Educação, Formação e Informação

As Cooperativas proporcionam educação e treinamento para seus membros, representantes eleitos, gerente e trabalhadores para que eles possam contribuir efetivamente ao desenvolvimento de suas cooperativas. Informam o público em geral, especialmente jovens e lideranças sociais – sobre a natureza e os benefícios da cooperação.

1.4.5 Intercooperação

As Cooperativas servem de forma mais eficaz os seus membros e dão mais força ao movimento cooperativo trabalhando em conjunto, através das estruturas locais, regionais, nacionais e internacionais. Com relação à responsabilidade social, as cooperativas trabalham para o desenvolvimento regional através de políticas aprovadas pelos membros.

1.5 RAMOS DO COOPERATIVISMO

Os ramos do cooperativismo estão dispostos desde Século XX, e são um total de treze, no qual, uns se expandem mais do que outros, assim como uns foram implantados mais recentemente, no decorrer das necessidades os mesmos foram sendo ampliado, na atualidade ainda permanece: agropecuário, consumo, crédito, educacional, especial, habitacional, infraestrutura, mineral, produção, trabalho, saúde, transporte e turismo e lazer; todos estes, diretamente ligado aos princípios e valores do cooperativismo. Assim:

(...) veio a lei 5674 de 16.12.1971 revogar toda a legislação anterior. Mesmo que editada também no regime militar, ela completou “bodas de prata” e é a reguladora do sistema cooperativo brasileiro em nossos dias. (CENZI 2012. p. 47).

Vejamos como estava contexto Brasileiro em 2011:

Figura 1: Tabela Ramos do Cooperativismo Brasileiro

RAMOS	Nº DE COOPERATIVAS		Nº DE COOPERADOS		Nº DE EMPREGADOS	
	2011	2.010	2011	2.010	2011	2.010
Agropecuário	1.523	1.548	4.673.174	4.019.528	155.896	146.011
Transporte	1.088	1.015	2.710.423	2.297.218	67.156	56.776
Crédito	1.047	1.064	969.541	943.054	33.988	29.130
Trabalho	966	1.024	829.331	778.813	10.968	9.892
Saúde	846	852	271.004	246.265	9.712	10.787
Educacional	294	302	188.644	217.127	6.334	5.775
Produção	243	235	143.458	321.893	3.694	3.349
Habitacional	226	242	99.474	101.071	3.605	3.669
Infraestrutura	128	141	58.891	20.792	2.738	3.879
Consumo	120	123	51.534	57.547	1.829	1.676
Mineral	69	63	11.500	11.454	193	32
Turismo e Lazer	27	31	1.468	1.368	161	144
Especial	9	12	393	397	12	14
TOTAL	6.586	6.652	10.008.835	9.016.527	296.286	271.134

FONTE: SESCOOP, 2012, p. 10.

Figura 1 apresenta que enquanto o número de cooperativas do Ramo agropecuário e de Transporte aumentou nos anos de 2010 e 2011, as cooperativas de crédito ao contrário recuaram em quantidades, entretanto isto não significa que o ramo tenha recuado, mas pelo contrário, esta redução se deu devido às fusões que as mesma realiza para aumentar seu poder atuação.

Organização das Cooperativas Brasileiras nos apresenta dados que em 2015 o numero de cooperativas era ainda menor que em 2011, com total de 929; entretanto o número de funcionários dobrou se comparado a 2011, pois em 2015 as cooperativas do ramo Crédito já empregavam mais de 60.200 pessoas. (OCB, 2017).

1.6 COOPERATIVISMO NO BRASIL E CRIAÇÃO DA OCB

É no final do século XIX que o cooperativismo chega ao Brasil. Não muito diferente da Europa o cooperativismo brasileiro se iniciou na classe trabalhadora, principalmente entre os funcionários públicos, militares, operários. No ano de 1889, na cidade Mineira de Ouro Preto, foi criada a primeira do Brasil, á época a Cooperativa Econômica dos Funcionários de Outro Preto, baseada nos Rochdale. Essa primeira cooperativa tinha como objetivo o consumo dos seus cooperados. Ressaltamos que nesta fase os seus defensores eram em grande maioria imigrantes Europeus, e sob a influência da religião católica.

Já no Estado de Rio Grande do Sul, na cidade de Nova Petrópolis, em 1902, o padre jesuíta Theodor Amstad inicia a primeira cooperativa de crédito do Brasil, a Sociedade Cooperativa Caixa de Economia e Empréstimos de Nova Petrópolis, sendo atualmente a cooperativa de crédito mais antiga em pleno funcionamento do Brasil e conhecida atualmente como Sicredi. A partir desta, inúmeras outras cooperativas que foram sendo criadas no Brasil, porém ainda faltavam informações, regulamentos, representatividade do modelo e até mesmo material didático, o que dificultava o crescimento das mesmas.

Foi neste contexto que no dia 02/12/1969 foi criada a OCB, Organização das Cooperativas Brasileiras, cuja finalidade era defender e representar os interesses das Cooperativas do País, este sem cunho religioso ou político, sem fins lucrativos, sendo considerada como Sociedade civil, criada formalmente aquela que é a única representante e defensora dos interesses do cooperativismo nacional (OCB, 2008).

O cooperativismo brasileiro é representado pela Organização das Cooperativas Brasileiras (OCB), órgão máximo de representação, e seus principais objetivos estão relacionados à promoção, fomento e defesa do cooperativismo brasileiro, em todas as instâncias políticas e institucionais. Somado aos objetivos, destaca-se o seu comprometimento com a preservação e o aprimoramento do sistema, o incentivo e a orientação das organizações cooperativas (FUNDACE, 2006).

Criação desta foi importante para divulgação dos princípios do cooperativismo no Brasil, e a partir da assessoria da mesma varias outras cooperativas são criadas, distribuídas entre os vários ramos de atuação, mas em destaque as de créditos que será abordado no capítulo seguinte.

CAPITULO 2 - COOPERATIVISMO DE CRÉDITO NO BRASIL

Segundo Oliveira (1979) no Brasil, o cooperativismo surge apenas no final do século XIX. Uma das causas de interesse por esse novo tipo de atividade foi a situação socioeconômica criada com a abolição da escravatura. Portanto, a conjuntura econômica brasileira da época, com a dinâmica do processo de industrialização e o aparecimento dos imigrantes, de forma significativa, nas atividades econômicas, etc., criaram condições favoráveis para as organizações das primeiras cooperativas. A partir de 1902 se inicia a criação das cooperativas de crédito brasileiras, estas baseadas nos modelos alemães de crédito rural.

A primeira cooperativa de crédito fundada no Brasil e na América Latina foi a de Nova Petrópolis no Rio Grande do Sul, sendo criada porque nessas comunidades não existiam serviços bancários. Com o intuito de proporcionar aos seus associados crédito mediante uma taxa de juros compatível com a atividade do pequeno e médio empreendedor, independente do setor que o mesmo estivesse vinculado, fosse agrícola, industrial, comercial ou profissional (OLIVEIRA, 1979).

Posteriormente após o surgimento destas cooperativas, mais precisamente em 02/12/1969 foi criada a Organização das Cooperativas Brasileiras, (OCB) e no ano seguinte, a entidade foi registrada em cartório. Nascia formalmente aquela que é a única representante e defensora dos interesses do cooperativismo nacional (OCB, 2008).

Na época, a representação nacional do cooperativismo era dividida entre a ABCOOP (Aliança Brasileira de Cooperativas) e a Unasco (União Nacional das Associações Cooperativas), o que dificultava o diálogo com o Estado e o atendimento das demandas do movimento. A grande força do cooperativismo estava no campo, e o governo viu nas cooperativas o poio que precisava para implementar sua política econômica para a área agrícola. Nesse contexto, em 1967, o então ministro da agricultura, Luiz Fernando Lima, solicitou ao secretário da agricultura de São Paulo, Antônio José Rodrigues Filho, já uma liderança cooperativista, que promovesse a união de todo o movimento. Em 2 de dezembro de 1969, foi criada a Organização das Cooperativas Brasileiras (OCB), após um consenso durante o IV Congresso Brasileiro de Cooperativismo. Foi então que nos tornamos a representante nacional do cooperativismo, reunindo e fortalecendo os interesses do setor.

A OCB foi criada em um período em que o movimento cooperativista buscava fortalecimento a partir da união. Já são mais de 45 anos de história, acumulando conquistas e descobrindo caminhos que se consolidam no Brasil (OCB, 2018).

2.1 COOPERATIVA DE CRÉDITO NO BRASIL E SUAS VANTAGENS

No Brasil, as Cooperativas de crédito são consideradas instituições financeiras, organizadas sob a forma de sociedade de pessoas, que tem como objetivo a prestação de serviços financeiros aos seus associados, serviços tais como a captação de depósitos à vista ou a prazo, assim como a concessão de crédito; Atualmente as Cooperativas de crédito também podem atuar na prestação de serviço de cobrança, de custódia, de pagamentos e recebimentos de contas por terceiros, desde firmados convênio com as instituições financeiras, instituições privadas e correspondentes. Assim:

[...]. As cooperativas de crédito são instituições financeiras constituídas sob a forma de sociedade cooperativa, tendo por objeto a prestação de serviços financeiros aos associados, tais como concessão de crédito, captação de depósitos à vista e a prazo, cheques, prestação de serviços de cobrança, de custódia, de recebimentos e pagamentos por conta de terceiros sob convênio com instituições financeiras públicas e privadas e de correspondente no país, além de outras operações específicas e atribuições estabelecidas na legislação em vigor. (PINHEIRO, 2008).

O BACEN (2017) relata que as cooperativas de crédito, contudo, prestam serviços financeiros de forma mais simples, acessível e vantajosa do que os bancos, permitindo acesso aos produtos financeiros equivalentes aos dos bancos. Investimento como aplicações, financiamentos, empréstimos, recebimento de contas e até mesmo linha de seguros. Neste sentido, estes serviços se tornam mais vantajosos, visto que os produtos são concedidos aos associados na característica deles serem cooperados e donos da cooperativa, ainda com vantagem de controle e direção sobre Cooperativa, através da participação.

São algumas das vantagens do cooperativismo de crédito (SEBRAE, 2011):

- A cooperativa pode ser dirigida e controlada pelos associados;

Na cooperativa, o importante é a pessoa, o associado, enquanto que nas demais instituições financeiras é o capital. Cada associado, mesmo tendo o mínimo exigido de cotas-partes na cooperativa, tem os mesmos direitos.

- O associado pode participar do planejamento;

Através das Assembleias Gerais Ordinárias os associados quem decidem o planejamento da cooperativa para próximo ano.

- Retenção e aplicação dos recursos de poupança e renda no próprio município contribuindo para o desenvolvimento local;

A cooperativa de crédito é integrante do SFN, o que significa que é fiscalizada pelo Banco Central do Brasil, seus balanços são submetidos a auditoria externa especializada e as contas correntes dos associados têm uma garantia automática de até R\$ 250 mil pelo FGcoop, caso a instituição apresente problemas de liquidez.

- Acesso de pequenos empreendedores ao crédito e poupança e outros serviços bancários;

Associados tem acesso á vários produtos financeiros, como contas-correntes; cartões de débito e crédito; transferências via DOC e TED; pagamento de boletos e de folha de salário; cobranças de recebíveis; recebimento de contas de consumo; tributos; captação de depósitos a prazo, na modalidade de Recibos de Depósitos Cooperativos (RDC).

- As operações bancárias de pequeno porte podem constitui-se como objeto das cooperativas de crédito, enquanto que, nos bancos convencionais, não estão entre seus principais objetivos;

Meinen e Port (2012) relatam que as cooperativas de crédito atuam, principalmente, em mercados nos quais os bancos têm menor atuação, como em pequenas cidades, sendo 46% dos associados de cooperativas financeiras oriundos de cidades com menos de 30 mil habitantes.

- Crédito imediato e adequado às condições dos associados (valor, carência, amortização etc.);

Essas cooperativas oferecem linhas de crédito com taxas de juros mais baixas e, muitas delas, não cobram tarifas por seus serviços (fornecimento de talões, transferências, cadastros); quando cobram, são sempre inferiores às praticadas pelos bancos comerciais.

- Atendimento personalizado;

O associado é na cooperativa não como um simples cliente, mas como um de seus donos.

- Oportunidade de maior rendimento nas aplicações financeiras;

Caso o associado tenha uma reserva financeira disponível, poderá aplicá-la na cooperativa sob a forma de depósito a prazo, com rendimentos geralmente superiores aos oferecidos pelo mercado financeiro, algumas cooperativas optam por utilizar parte das sobras para aumentar a rentabilidades das aplicações.

- Possibilidade dos associados se beneficiarem da distribuição de sobras ou excedentes. Associado estará fazendo negócios em uma instituição que lhe devolverá, via rateio das sobras, juros e tarifas pagas a mais do que o devido. Sua parte nas sobras pode ser em dinheiro ou em aquisição de mais cotas-partes, dependendo de decisão da Assembleia. Ainda, se o cooperado quiser se retirar da sociedade, poderá receber o valor de suas cotas-partes.
- Os recursos captados pela poupança são direcionados aos cooperados, potencializando o desenvolvimento regional.

Partes dos recursos aplicados nas cooperativas são destinados para crédito, ou seja, quanto maior o montante que a mesma possui em seus depósitos maiores serão as disponibilidades para crédito. Outro diferencial cooperativo é que os recursos financeiros arrecadados ficam no próprio município onde atua a cooperativa, favorecendo seu desenvolvimento regional.

Luciano Ribeiro Machado, superintendente comercial do Sistema de Cooperativas de Crédito do Brasil explica:

Se a pessoa faz um empréstimo em uma cooperativa de uma determinada cidade, por exemplo, quando ela pagar, esse dinheiro ficará na região. Não será levado para fora. Isso gera um efeito multiplicador. (SICOOB, 2016)

2.2 DIFERENÇA ENTRE BANCOS E COOPERATIVAS CRÉDITOS

O Banco Central do Brasil nos apresentada as vantagens, os produtos e serviços que as cooperativas possuem, e que em muitas delas são parecidas com as dos bancos tradicionais,

as diferenças entre as cooperativas de créditos e bancos são notórias, esta elencado algumas seguindo informações da FGCOOP.

- **Formação:** Os bancos são sociedades de capital, cooperativas é sociedade de pessoas.
- **Usuários:** Nos bancos são clientes, já na cooperativa são associados, “um dos donos”.
- **Administradores:** nos bancos quem tem mais ações pode mais, tem mais poder, na cooperativa independente da cota, cada associado tem um voto, todos tem mesmo poder.
- **Tomadores de Decisão:** nos bancos os clientes não tem influência sobre produtos ou em suas precificações, na Cooperativa todos ajudam a decidir os rumos da mesma através das políticas operacionais através das assembleias, na qual cada pessoa tem direito a um voto.
- **Expansão:** os bancos avançam por competição, só investem regiões potenciais, as Cooperativas atuam através cooperação mútua.
- **Objetivo Primário:** os bancos visam ao lucro, as cooperativas administram os recurso dos associados que forma que todos saem ganhando.
- **Taxas e Preços:** taxas normalmente elevada, pois buscam o lucro, nas Cooperativas normalmente taxas menores, pois os valores serão reinvestidos em outros setores.
- **Remuneração:** bancos os custos são caro e a tributação diminui a rentabilidades dos depósitos. Nas Cooperativas a estrutura tem custo menor e viabiliza maior rentabilidade para depósitos a prazo.
- **Resultados:** Em bancos o lucro é dividido entre os seus acionistas, nas Cooperativas são divididos entre todos os seus associados quando positivo, de acordo com suas participações.
- **Atuação:** não tem prioridade de investir localmente, as Cooperativas ao contrário, retém seus recursos na área que está localizada, contribuindo para desenvolvimento regional, como é o caso das sobras quando retorna ao associado.

Entretanto, as cooperativas também apresentam suas desvantagens, como a adesão é livre, ao participar o associado se torna sócio da cooperativa, tendo direito as sobras, porém caso a cooperativa apresente perdas, estas também são repassadas aos seus associados. Por exemplo, normalmente as cooperativa atuam de forma regional, caso aquela região for dependente de única fonte renda (ex: região produtora soja, e por força da natureza toda

produção regional foi afetada), e por alguma motivo teve sua economia regional afetada e os tomadores créditos não honraram com seus pagamentos, a cooperativa poderá apresentar perdas no final do ano, estas perdas poderão ser repassadas aos seus associados. Para que isso não ocorra os associados de cooperativas constam com o Fundo Garantidor do Cooperativismo de Crédito (FGCoop) que é uma associação civil sem fins lucrativos, que permite recuperar os depósitos ou créditos mantidos nas cooperativas singulares de crédito e nos bancos cooperativos, indenizando aqueles que possuíam crédito, com teto máximo de 250 mil por CPF, em caso em que ocorra em caso de intervenção ou liquidação extrajudicial. (COOP, 2011), vejamos um exemplo:

Caso que veremos a seguir que ocorreu em 2017 com as Cooperativas Crédito Crehnor Sarandi. O Banco Central anunciou a decretação extrajudicial da Cooperativa de Crédito Rural Horizontes Novos de Novo Sarandi (CNPJ 01.869.822/0001-76), sediada na cidade de Sarandi, no norte do Rio Grande do Sul. Com a decisão, foi anunciado também que bens de sete ex-administradores da cooperativa ficarão indisponíveis. A medida atingirá todos que ocuparam cargos na instituição financeira nos últimos 12 meses. O FGCoop, através de comunicado, informou que tão logo tenha a identificação dos depositantes e dos respectivos valores, a ser fornecida pelo liquidante, os pagamentos serão imediatamente disponibilizados aos titulares de depósitos garantidos, na forma e condições do regulamento do FGCoop (COOP, 2017).

2.3 NORMATIVOS DAS COOPERATIVAS DE CRÉDITO NO BRASIL

Como integrante do Sistema Financeiro Nacional, as Cooperativas de crédito, em acordo com a lei nº 4.595/64, que foi recepcionada pela Constituição de 1988, no art. 192, confere ao Conselho Monetário Nacional a função de dispor sobre o processo de criação, estrutura e funcionamento, sendo esta função do CMN exercida através da edição de resoluções, conforme as que destacamos a seguir (RELATÓRIO DE SUSTENTABILIDADE, 2017).

O cooperativismo de crédito brasileiro se encontra estruturado da seguinte forma:

- a) Bancos Cooperativos, com a função principal de prestar serviços às cooperativas de crédito, notadamente no que refere à compensação de documentos;
- b) Quatro confederações de representação política de assistência aos filiados sendo uma confederação Unicred criada mediante autorização do BC, tendo portanto, natureza de instituição financeira;

c) Uma federação, a Fenacred que não sofre a fiscalização do BC, uma vez que não se trata de instituição financeira. Tem atuação restrita ao Rio e Janeiro e Bahia;

d) 40 Cooperativas centrais, ou Cooperativas de segundo grau, que exercem importante papel na fiscalização, assessoria, e apoio ao cooperativismo, as centrais são formadas por cooperativas singulares;

e) 1.413 Cooperativas singulares, responsáveis pelo atendimento oferecendo os produtos e serviços a base cooperada, sendo que hoje há um predomínio das Cooperativas de crédito mútuo que representam 67% do setor. De acordo com a resolução 2.788 de 30/11/2000 do CMN, os bancos cooperativos, podem abrir seu capital, desde que o controle acionário seja mantido pelas cooperativas de crédito. Podendo ainda transformar em bancos múltiplos, com carteira comercial. Os dois bancos cooperativos existentes no Brasil são: Banco Cooperativo Scredi S/A - BANCICREDI, criado em 1995 e o Banco Cooperativo do Brasil S/A – BANCOOB, criado em 1997.

2.4 EXPANSÃO DAS COOPERATIVAS DE CRÉDITOS NO BRASIL

Verifica-se no gráfico I, a relação quantidade de Cooperativas x quantidade de cooperados, definidos por dois extremos. Se por um lado o número de Cooperativas reduziram ao longo do tempo, no qual desde 2002 à 2009 se mantinham acima de 1400, já em 2014 eram aproximadamente 1163 uma redução de aproximadamente 17%, se contrapondo ao número de associados que cada ano vem aumentando, de 2006 a 2016, saíram de 1,46 para 4,38%, do total da população associada a uma Cooperativa de créditos no Brasil (Gráfico II), os associados que passaram a utilizar os serviços das Cooperativas que se elevou de 2,77 para 8,6 milhões pessoas.

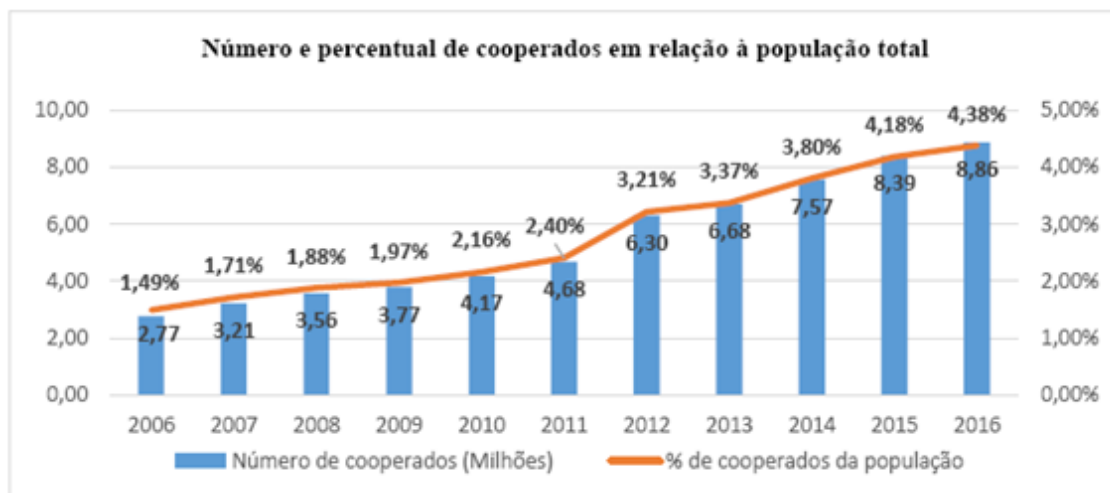
Gráfico I – Cooperativas de Crédito no Brasil por Ano



FONTE: Adaptado de BACEN, 2014.

O Gráfico nos apresenta que o número de cooperativas de crédito vem reduzindo, isto devido as fusões que as mesmas tem realizado no intuito de aumentar suas áreas de abrangência (duas cooperativas se unem para aumentar sua atuação). Preocupação com o desenvolvimento regional é tão latente que as cooperativas, ano após ano, vem aumentando o numero de agências de atendimentos, desde 2016 as cooperativas á ultrapassaram os bancos em números de agencias de atendimentos, e até hoje permanecem em primeiro lugar; em dezembro de 2017, as cooperativas contavam com 5.643 agências, seguida pelo banco do Brasil 5.440, Bradesco com 5.309, Itaú com 3.464 e Caixa Econômica Federal com 3.412 agências.

Gráfico II – Evolução Números de Cooperados em Relação à População brasileira



FONTE: Adaptado FGCoop (2016, p.4).

Em 2016, no Sul, 91% das cidades eram atendidas pelas cooperativas de crédito; no Sudeste já eram 54% das cidades; Centro Oeste era 52%, no Norte e Nordeste do Brasil, respectivamente, 22% e 9% das cidades destas regiões eram atendidas por alguma agencia de atendimentos. Na região Sul, 13,9% da população já era associada ao Sistema Nacional de Crédito Cooperativo. Com relação ao país, 4,38% da população já possuía conta vinculada a uma cooperativa, aumento de 36,45% em relação a 2012 (BACEN, 2016).

2.5 DESENVOLVIMENTO DAS COOPERATIVAS DE CRÉDITO NO BRASIL

Observasse o desenvolvimento industrial e financeiro, as Cooperativas de crédito se concentraram nas regiões mais desenvolvidas do país, a saber, Sul e o Sudeste (BACEN, 2017b). Nesse processo somente o Sudeste apresenta um total de 494 Cooperativas, que representa no país aproximadamente 49% do total das cooperativas, ou seja, quase metade de

todas as cooperativas de créditos do Brasil estão alocadas na região Sudeste do país, em segundo lugar, vem a região Sul, com 315 Cooperativas, que nacionalmente representa aproximadamente 31% ; Se somarmos as duas regiões os dados ficam ainda mais expressivo pois nestas estão concentrados quase 80% do total de Cooperativas de crédito ativas, com destaque para estados de São Paulo com 223 Cooperativas e, em segundo, Minas Gerais, com 189 unidades.

Figura III – Quadro de Cooperativas de Crédito Por Região (Quantidade e Percentual).

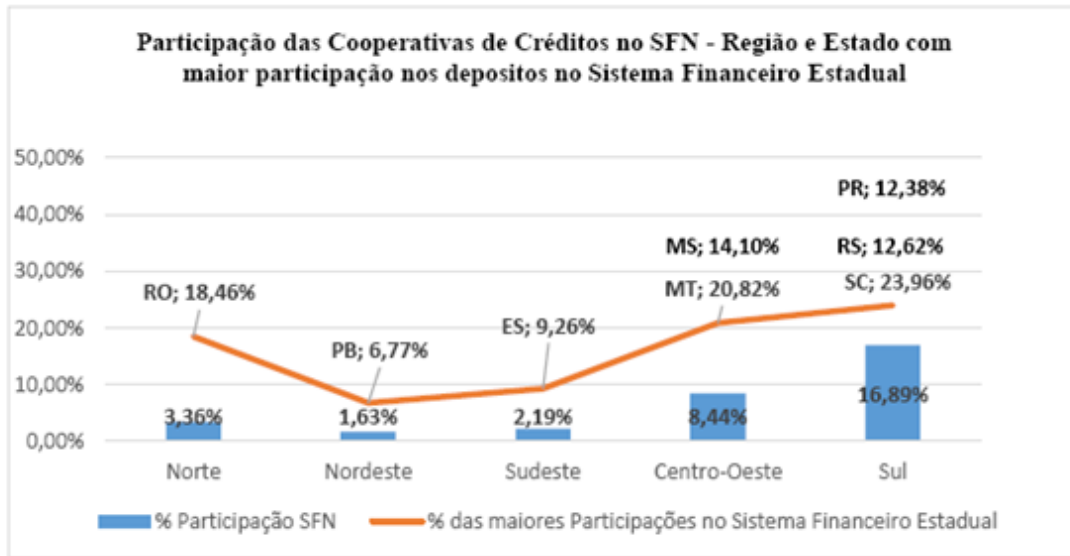
REGIÃO	ESTADO	TOTAL ESTADO	% ESTADO	TOTAL REGIÃO	% REGIÃO
SUDESTE	RJ	51	5,00%	494	48,43%
	SP	223	21,86%		
	MG	189	18,53%		
	ES	31	3,04%		
SUL	PR	103	10,10%	315	30,88%
	RS	107	10,49%		
	SC	105	10,29%		
CENTRO OESTE	MT	20	1,96%	70	6,86%
	MS	11	1,08%		
	GO	39	3,82%		
NORDESTE	SE	2	0,20%	82	8,04%
	RN	4	0,39%		
	PI	2	0,20%		
	PE	7	0,69%		
	PB	15	1,47%		
	MA	7	0,69%		
	CE	5	0,49%		
	BA	32	3,14%		
	AL	8	0,78%		
NORTE	TO	1	0,10%	44	4,31%
	RR	1	0,10%		
	RO	19	1,86%		
	PA	12	1,18%		
	AP	1	0,10%		
	AM	6	0,59%		
DISTRITO FEDERAL	AC	4	0,39%	15	1,47%
	DF	15	1,47%		
TOTAL		1.020	100,00%	1.020	100,00%

FONTE: Adaptado de (PAIVA E SANTOS,2017)

Analisando a participação das Cooperativas de créditos em valores de depósitos no Sistema Financeiro Nacional, o quadro se modifica um pouco, pois as regiões que se destacam são Sul com 16,89% e Centro-Oeste com 8,44% dos depósitos totais. No Sul se destaca os estados de Santa Catarina com 23,96% e Rio Grande do Sul com 12,62% dos totais de depósitos (depósitos a prazo e a vista); já no Centro-Oeste o destaque é o estado do Mato

Grosso, que sozinho corresponde a 20,82% de todos os depósitos do Centro-Oeste no Sistema Financeiro Nacional, seguido pelo Mato Grosso Sul que representam 14,10%, como podemos observar no gráfico:

Gráfico IV – Participação e Porcentagem dos depósitos no SFN



FONTE: Adaptado FGCoop (2016. P.6)

Observa-se que no Brasil, a participação das Cooperativas tem crescido e se tornado importante no sistema financeiro, entretanto em percentual de volume de crédito liberado no sistema financeiro nacional ainda é considerado baixo se comparado a outras nações; em 2010, no Brasil, a representatividade das cooperativas créditos era de apenas 2,13% do total. Na Alemanha, no mesmo ano, por exemplo, as Cooperativas foram responsáveis por 27% das liberações e em depósito chegavam a 9% do total, podemos verificar ainda que na Holanda os números são mais elevados, chegando a 39% do total dos empréstimos e a 43% do total de depósitos (BANCO CENTRAL DO BRASIL, 2011).

No âmbito do Sistema Financeiro Nacional, constata-se um movimento expansionista do cooperativismo de crédito a partir da década de 1990. Esse segmento vem se constituindo importante elemento no incremento econômico de regiões estagnadas, proporcionando inclusão financeira para parcela da sociedade de menor poder aquisitivo, gerando emprego e renda, auxiliando na redução da pobreza e contribuindo para o aumento da eficiência do Sistema Financeiro Nacional (CHAVES, 2011).

Tabela IV - Valor percentual da relação entre os agregados patrimoniais das cooperativas de crédito e respectivos agregados do segmento bancário do SFN.

Ano	Participação no patrimônio líquido	Participação nos ativos	Participação nos depósitos	Participação nas op. de crédito
1994	0,7%	0,2%	0,1%	0,3%
1995	1,4%	0,2%	0,1%	0,4%
1996	1,3%	0,3%	0,3%	0,5%
1997	1,6%	0,4%	0,5%	0,7%
1998	1,6%	0,5%	0,6%	0,9%
1999	1,8%	0,7%	0,8%	1,1%
2000	2,0%	0,8%	1,0%	1,2%
2001	2,0%	0,9%	1,3%	1,6%
2002	2,2%	1,0%	1,5%	1,8%
2003	2,2%	1,3%	1,8%	2,1%
2004	2,6%	1,4%	1,4%	2,3%
2005	2,9%	1,5%	1,4%	2,3%
2006	3,2%	1,9%	1,8%	2,8%
2007	2,6%	1,5%	1,4%	2,4%
2008	2,1%	1,3%	1,3%	2,6%
2009	2,4%	1,5%	1,4%	2,6%
2010	2,4%	1,6%	1,7%	2,4%
2011	2,6%	1,7%	1,8%	2,5%
2012	2,7%	1,8%	2,3%	2,3%
2013	3,1%	2,0%	2,6%	2,7%
2014	3,5%	2,1%	3,1%	2,9%

FONTE: Banco Central do Brasil. Disponível em: www.bcb.gov.br/?revsfn

Sobre o cooperativismo de crédito no Brasil, mostra que, apesar da restrita participação no Sistema Financeiro Nacional, que em 2010 era de 2,13%, em 2017 já era equivalente a 4,6% dos depósitos no SFN, vem ocorrendo um significativo crescimento relativo na composição dos ativos, em operações de crédito, depósitos e patrimônio líquido, conforme pode ser observado na Tabela IV.

2.6 ESTRUTURAÇÃO DO SISTEMA NACIONAL DE CRÉDITO COOPERATIVO

O princípio de Cooperar pode ser visto até mesmo na estruturação do Sistema Nacional de Crédito Cooperativo, no qual grande parte das Cooperativas de crédito são estabelecidas de forma sistêmica, compartilhando sistemas e serviços para ganho de produção. Sendo assim, são classificadas em três níveis, no qual no cume da pirâmide estão os bancos cooperativos, que intermedeia entre os sistemas bancários e as confederações de crédito; em segundo lugar estão as Cooperativas centrais e, por fim, as singulares na base.

2.6.1 Cooperativas Singulares

Prestam atendimento e oferta de produtos diretamente aos associados, e podem atuar de forma independente, ou alinhadas a alguma confederação e bancos privados. Entretanto, em sua maior parte utilizam sistemas e serviços compartilhados, aumentando os ganhos e eficiência. Perante a Constituição Federal estas Cooperativas singulares devem ter no mínimo 20 associados pessoas físicas e/ou jurídicas.

Figura V – Quantidade de Cooperativas Singulares em dezembro de 2017 no Brasil:

QUANTIDADE DE COOPERATIVAS SINGULARES DE CRÉDITO EM FUNCIONAMENTO			
SEGMENTAÇÃO POR TIPO DE ASSOCIAÇÃO	SET/17	DEZ/17	VAR 1º TRIM
Atividade Profissional	84	83	-1
Crítérios de Associação Mistos – Empresários	24	24	0
Crítérios de Associação Mistos – Outros	48	42	-6
Empregados ou Servidores	338	333	-5
Empresários	27	27	0
Livre Admissão	345	343	-2
Natureza Associativa ou Cadeia de Negócios	3	3	0
Produtor Rural	114	114	0
TOTAL	983	969	-14

FONTE: BC/ dezembro-2017

2.6.2 Cooperativas Centrais ou 2º Grau

Têm como meta a organização de suas filiadas, classificando, portanto em maior ou menor escalas os serviços econômicos e assistenciais destas filiadas, permitindo uma troca de serviço entre elas as Centrais devem ser constituídas por no mínimo três cooperativas singulares.

2.6.3 Confederações e Bancos Cooperativos

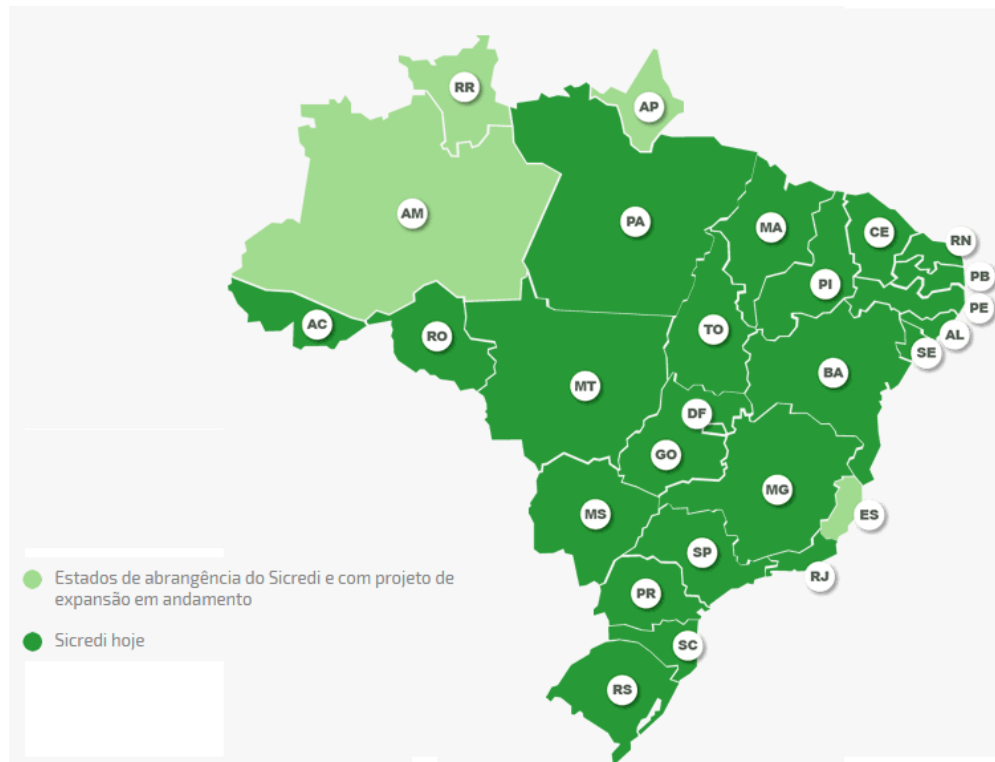
Estas possuem personalidade jurídica próprias, cuja meta é defender seus interesses, promover a supervisão, padronização e integração operacional, normativa, financeira e tecnológica. Para tanto deve ter no mínimo três centrais em sua composição. Os Bancos Cooperativos constituíssem por ser comerciais ou múltiplos, no qual sua carteira obrigatoriamente deve ter no mínimo 51% das ações com direito a voto. No Brasil existem apenas o Bancoob e o Banco Sicredi (FGCOOP, 2017).

As Confederações são formadas pelo menos com três federações ou centrais das mesmas ou diferentes modalidades; atualmente quatro confederações formam este terceiro nível: Sicoob, Sistema Crédito Cooperativo (Sicredi), Associação Nacional de Cooperativismo de Crédito e Economia Solidária (ANCOSOL) e Confederação Nacional das Cooperativas Centrais (UNICREDI).

2.7 SISTEMA CRÉDITO COOPERATIVO SICREDI

Abordando mais precisamente a Cooperativa Crédito Sicredi, no qual em sua estrutura é composta por três níveis, na qual na base estão 116 cooperativas de créditos singulares filiadas ao sistema, estas possuem 1611 postos de atendimentos distribuídos por 22 Unidades da Federação mais o Distrito Federal, com mais de 24 mil Funcionários distribuídos entre as agências para atender os mais de 3,8 milhões associados que o sistema possuía no início de 2018.

Figura VI – Brasil: Área de atuação nas Unidades da Federação



FONTE: Adaptado de: <https://www.sicredi.com.br/html/conheca-o-sicredi/quem-somos>

Atuação do Sicredi nestes 23 Unidades federativas foi um fato recente, 2016 foi considerado um ano muito importante para isto, pois foi neste que através a filiação (fusão) de mais cooperativas ao Sistema Sicredi que teve sua atuação amplamente aumentada. No dia 19

de agosto, durante o Fórum Nacional de Presidentes e Diretores Executivos do Sicredi, foi assinado um memorando de entendimento visando a filiação da Unicred Central Norte/Nordeste (Atua em 10 estados nas regiões Norte e Nordeste, com 100 unidades de atendimento e 105 mil associados) ao Sistema Sicredi. Com a filiação, o Sicredi ampliou sua área de atuação para 23 U.F, consolidando a presença nacional. Com a filiação da Unicred Central Norte/Nordeste acrescentou ao Sicredi mais 28 cooperativas, com R\$ 3,6 bilhões de ativos e R\$ 986 milhões de patrimônio líquido. Em 2018 ampliada a atuação com a inauguração de agências em Brasília e em Minas Gerais, estando presente em 22 U.F e o Distrito Federal, ou seja, em todo território nacional, o Sicredi ainda não esta presente em apenas 4 estados da federação: Espírito Santo, Amazonas, Roraima e Amapá.

Todo o sistema Sicredi esta dividido em 5 Centrais, no qual são responsáveis pelas 116 cooperativas que o sistema possui, portanto as 116 estão divididas (de certa forma regionalmente) dentre as Centrais. As 5 centrais que dão os direcionamentos para as demais cooperativas do sistema, sendo que cada Central se dedica as especificidades de sua região.

Figura VII - Centrais e quantidades de associados no Sicredi

Número de associados discriminados por conglomerado Sicredi-DI.05			
Central	2015	2016	2017
Central Sicredi Sul/Sudeste	1.754.991	1.827.581	1.889.120
Central Sicredi PR/SP/RJ	875.605	965.997	1.084.516
Central Sicredi Centro Norte	349.500	363.449	376.543
Central Sicredi Brasil Central	177.711	207.837	230.354
Central Sicredi Norte/Nordeste	-	113.614	123.368
Total	3.157.807	3.478.478	3.703.901

FONTE: Adaptado de Relatório de Sustentabilidade 2017, www.sicredi.com.br/html/ 2017

No topo do Sistema Cooperativa Sicredi encontramos o Banco Cooperativo Sicredi, criado em 1995, foi o primeiro banco privado do país, cuja finalidade era permitir as Cooperativas ao acesso ao mercado financeiro e a programas especiais de financiamento, a implementar políticas corporativas como liquidez, marketing, comunicação e gestão de pessoas, assim como gerir os riscos das operações realizadas pelas Centrais. Foi este que permitiu as mesmas expandirem seus produtos, fechando parcerias com corretoras de seguros,

administradoras de cartões, de consórcio e a administradoras de bens, atendendo assim a todas as necessidades de seus associados.

CAPÍTULO 3 - O COOPERATIVISMO DE CRÉDITO NO MATO GROSSO DO SUL

O cooperativismo de crédito no Mato Grosso do Sul iniciou em julho de 1989, naquele ano foram criadas 10 cooperativas, distribuídas pelos municípios de Dourados (Credidourada), Maracaju (Credimara), Ponta Porã (Credipan), Naviraí (Credinav), Rio Brillante (Credirio), Caarapó (Credirural), Itaporã (Credita), Sidrolândia (Credilândia), Fátima do Sul (Credivale) e Bonito (Credibon), as quais atuavam de forma independente, chegando ao ponto que resolvem se unir na tentativa de expandir os negócios. Em 2001 buscando maneiras de melhorar os seus serviços, três cooperativas resolvem se unirem para expandir os negócios, sendo elas: Dourados, Rio Brillante e Caarapó. Com isso criou-se a maior cooperativa e mais bem estruturada, a Cooperativa Sicredi Centro-Sul MS.

Devido à extensão territorial que MS e o planejamento estratégico das cooperativas foi necessário novas fusões que permitiram a criação de mais 4 Centrais estaduais, totalizando 5 centrais, dentro destas estão distribuídas as mais de 67 agências de atendimentos que somente o sistema Sicredi possuía, estas estavam distribuídas em 45 municípios sul-mato-grossense. posteriormente foram sendo criadas outras cooperativas de crédito, além daquelas ligadas ao Sicredi, dentre todas as cinco mais importantes são:

- Sicredi Campo Grande MS.

Atua nas cidades de Bandeirantes, Camapuã, Campo Grande, Corguinho e Rochedo, com 12 agências de atendimentos nestas cidades, sua central está localizada na em Campo Grande.

- Sicredi Celeiro Centro Oeste.

Atua nas cidades de Aparecida do Taboado, Cassilândia, Chapadão do Sul, Costa Rica, Coxim, Paraíso das Águas, Paranaíba, São Gabriel do Oeste e Sonora, com 9 agências de atendimento nestas cidades, a central está localizada na Cidade de São Gabriel do Oeste.

- Sicredi Pantanal MS.

Atua nas cidades de Aquidauana, Bonito, Jardim, Maracaju, Miranda e Sidrolândia, com 6 agências de atendimento cuja central está localizada em Maracaju.

- Sicredi União MS/TO.

Atua nas cidades de Brasilândia, Campo Grande, Corumbá e Três Lagoas, com 9 agências de atendimento, cuja central está na cidade de Campo Grande. A capital do Estado conta com 2 centrais, Sicredi Campo Grande MS e Sicredi União MS/TO, esta segunda foi fundada por 45 servidores da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS), e para melhor atender seus associados as duas centrais já possuem em Campo Grande 14 agências de atendimento.

- Sicredi Centro-Sul MS.

Presente em 23 cidades do Mato Grosso do Sul, é a mais abrangente territorialmente, contendo mais de 26 agências de atendimento atuando nas cidades de Amambaí, Aral Moreira, Bataguassu, Batayporã, Bela Vista, Caarapó, Coronel Sapucaia, Deodópolis, Dourados, Eldorado, Fátima do Sul, Iguatemi, Itaporã, Itaquiraí, Ivinhema, Laguna Carapã, Mundo Novo, Naviraí, Nova Alvorada do Sul, Nova Andradina, Novo Horizonte do Sul, Ponta Porã e Rio Brillhante, sendo sua central na cidade de Dourados. É maior cooperativa do Sistema Sicredi no estado.

3.1 SICREDI CENTRO-SUL MS

Em 1989 surgem no estado dez cooperativas créditos independentes, porém em 2001 visando melhorar atendimentos aos associados, assim como aumentar seus negócios, três cooperativas optam por se unir e se tornarem uma, Dourados, Rio Brillhante e Caarapó, criando uma cooperativa melhor e maior estruturada, com esta união surge então a Sicredi Centro-Sul MS, que até então atuavam com cinco agências nas três cidades citadas e em mais dois municípios, Amambaí e Laguna Carapã.

Em 2002 inaugura mais uma agência para atender aos associados de Novo Horizonte do Sul, potencializando mais uma vez para o desenvolvimento local, visto esta foi a primeira instituição financeira do município.

Já em 2003 dois municípios ganham suas agências, Naviraí e Nova Andradina. Em 2005 foi a vez do município de Iguatemi inaugurar sua agência. Devido à grande adesão de associados no município de Dourados; em 2006 Sicredi abre sua segunda agência neste município, denominada agência Integração. Em 2007 foi a vez de Nova Alvorada do Sul.

Em 2008, a Sicredi Itaporã, cooperativa do sistema Sicredi sendo que até então se mantinha independente resolvendo incorporar a Sicredi Centro Sul.

Em 2009 o município de Ivinhema inaugura sua agência. Até então, a Sicredi Centro Sul já atuavam em doze municípios, no qual em maior parte das agências se localizavam em municípios do Conesul, na época a Sicredi Centro Sul completava seus 20 anos já com mais de 20 mil associados sendo atendido por estas agências, já em âmbito nacional contava com mais de 1,5 milhões de associado ao sistema Sicredi.

Após um ano sem abrir novas agências, em 2011 a expansão continuava, inaugurando a primeira agência no município de Mundo Novo, e a terceira agência em Dourados.

2012 foi um ano importante, pois neste houve a incorporação da Sicredi Fronteira - MS a Sicredi Centro-Sul MS, esta então tem a incorporação de mais quatro agências que atuavam em Ponta Porã, Aral Moreira, Coronel Sapucaia e Bela Vista. Nesta época, a Sicredi Centro-Sul MS completava 23 anos, e se tornava a 9ª maior Cooperativa do Sistema Nacional Sicredi, possuía mais de 45 mil sócios e presença em 19 cidades do Conesul do Estado, somando 450 milhões de reais em recursos administrados e cerca de 300 milhões em operações de crédito.

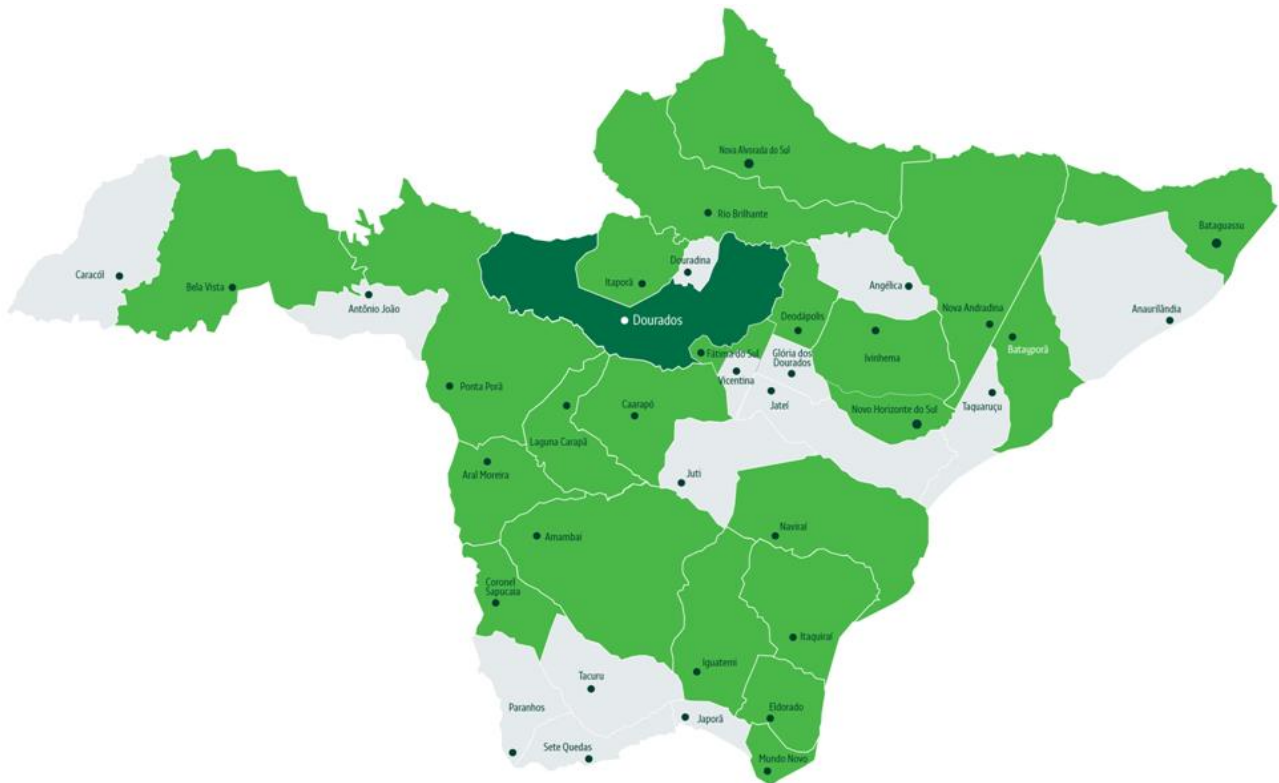
Em 2013 a Cooperativa inaugura a sua primeira agência em Deodópolis. A Cooperativa inaugura em Dourados a primeira agência compartilhada, denominada agência Universitária; agências compartilhadas significam que um única equipe de gestores serão responsáveis por duas agências.

Em 2014 o Município de Fátima do Sul inaugura sua agência. Assim como em 2015 município de Itaquirai inaugura sua agência; e neste mesmo ano Dourados se destaca ainda mais, abrindo sua segunda agência compartilhada, agência Parque do Lago, fazendo com que a cidade possua cinco agências.

Em 2016 a Sicredi Centro-Sul inaugura sua vigésima quinta agência em mais um município sul-matogrossense, a unidade de Bataguassu.

Seguindo o retrospectivo que desde 2011 vem inaugurando no mínimo uma agência por ano, em 2017 o município de Eldorado e Itaporã ganham suas agências, neste mesmo ano a Cooperativa Sicredi Centro-Sul leva ao município de Anaurilândia sua unidade móvel, município no qual cooperativa pretende instalar sua próxima agência.

Figura I - região de atuação do Sicredi



FONTE – (SICREDI, 2018)

3.1.2 Associados da Cooperativa Sicredi Centro Sul MS

Na Sicredi Centro-Sul MS a associação é realizada de forma voluntária, no qual podem aderir a mesma as Pessoas Físicas e Pessoas Jurídicas; para associação é necessário que cada qual integralize Cota Capital¹, esta cota é a parte do associado na sociedade com a Cooperativa.

¹ Capital social é o valor, em moeda corrente, que cada pessoa investe ao associar-se e que serve para o desenvolvimento da cooperativa. Para tornar possível a manutenção e promover o desenvolvimento dos serviços que a cooperativa deve prestar aos cooperados, os donos da sociedade e os cooperados devem assumir de fato esta condição e aplicarem capital na empresa que lhes pertence, para investir, fortalecer o capital de giro e evitar a dependência de capital de terceiros.

Conforme Polônio (2004, p. 91-92) o capital social, como em outros tipos de sociedade, corresponde aos recursos investidos na sociedade cooperativa pelos associados cooperados o valor da mesma é estipulada pelo Estatuto Social da Cooperativa deliberado em assembleia, com os associados, visto que este valor pode se integralizar em parcela única, ou seja, o associado credita na conta da Cooperativa o valor da sua parte no capital, ou ele ainda pode realizar subscrição de cotas mensais, assim todo mês ele faz aporte em sua cota capital de acordo com valor pré-acordado com a cooperativa. Porém o Art. 24 da Lei 5.764/71 veda às cooperativas distribuírem qualquer espécie de benefício às quotas-partes do capital ou estabelecer outras vantagens ou privilégios, financeiros ou não, em favor de quaisquer associados ou terceiros excetuando-se os juros até o máximo de 12% (doze por cento) ao ano que incidirão sobre a parte integralizada, sabendo que todo valor investido tem remuneração anual e poderá ser resgatado pelo associado caso deseje sair da cooperativa.

Após a associação o associado será enquadrado em um dos três setores de segmentação de atendimentos praticados pela Cooperativa Sicredi Centro-Sul MS, ou seja, de acordo com sua atuação profissional ele poderá ser enquadrado como Pessoa Física, Pessoa Jurídica ou Agronegócio, no qual alternando sua atividade profissional o mesmo poder alternar entre estes setores. Esta divisão dentro da cooperativa visa prestar atendimento mais personalizado para seus associados, visto que cada setor tem um gerente específico e capacitado para atender o associado de acordo com suas necessidades. Além disso, a soma de todas as cotas capitais forma o Capital Social da cooperativa; portanto quanto mais associados maior será o Capital Social da cooperativa.

A Sicredi Centro-Sul MS é um exemplo de cooperativa que vem aumentando seu Capital Social através do ingresso de novos associados, a cooperativa finalizou o ano de 2014 com 51.284 associados, e no ano seguinte houve crescimento de aproximadamente 8% chegando a 55.366 associados; manteve seu crescimento em meados de 2016 ela atingiu a marca de mais de 60 mil associados, no qual atualmente já se registrada mais de 72 mil associados, entre Pessoas Físicas e jurídicas. No Figura abaixo podemos verificar que na Centro-Sul MS o público Pessoa Física é responsável por mais de 80% dos créditos totais tomados na mesma durante ano 2017.

Figura II - Carteira Crédito PF x PJ

Publicação	Carteira PF »		Carteira PJ »	
	Valor (milhões)	Porcentagem	Valor (milhões)	Porcentagem
Março de 2018	700,8 milhões	80,6%	169,1 milhões	19,4%
Dezembro de 2017	722,1 milhões	81,0%	169,8 milhões	19,0%
Dezembro de 2016	554,5 milhões	79,3%	144,9 milhões	20,7%
Dezembro de 2015	427,4 milhões	72,3%	164,1 milhões	27,7%

FONTE: Banco Central – Sistema IF

Visto que dentro destes 80% de créditos tomados pelas pessoas físicas, estão os créditos rurais, pois os produtores rurais, ramo de atuação de grande relevância dentro das cooperativas, se enquadram em sua maioria como pessoas físicas. Por isto, que entre os tipos de créditos disponíveis para este público, que são empréstimos sem consignação em folha, com consignação em folha, habitação, veículos, cartão crédito, rural e agroindustrial, entre outros; mais de 60% está concentrado para rural e agroindustrial, conforme o figura.

Figura III - Carteira de Crédito PF por Modalidade

Publicação	Março de 2018		Dezembro de 2017		Dezembro de 2016		Dezembro de 2015	
	Valor (milhões)	Porcentagem	Valor (milhões)	Porcentagem	Valor (milhões)	Porcentagem	Valor (milhões)	Porcentagem
Empréstimo com Consignação em Folha »	6,8 milhões	1,0%	6,2 milhões	0,9%	3,2 milhões	0,6%	1,3 milhão	0,3%
Empréstimo sem Consignação em Folha »	95,0 milhões	13,6%	104,7 milhões	14,5%	105,1 milhões	19,0%	91,0 milhões	21,3%
Veículos »	19,1 milhões	2,7%	18,8 milhões	2,6%	15,3 milhões	2,8%	18,5 milhões	4,3%
Cartão de Crédito »	25,3 milhões	3,6%	25,3 milhões	3,5%	19,0 milhões	3,4%	14,6 milhões	3,4%
Rural e Agroindustrial »	434,3 milhões	62,0%	426,8 milhões	59,1%	309,0 milhões	55,7%	225,8 milhões	52,8%
Outros Créditos »	120,2 milhões	17,2%	140,2 milhões	19,4%	102,9 milhões	18,6%	76,1 milhões	17,8%

FONTE: Adaptado de Banco Central, acesso 2018.

Para Pessoa Jurídica as principais linhas de crédito são capital de giro, capital de giro rotativo, financiamento de infraestrutura, operações com recebíveis, comércio exterior, rural e

agroindustrial, entre outros. A figura abaixo nos apresenta que nas pessoas jurídicas as linhas créditos tomadas já são menos concentradas se compara as da pessoa física, mesmo que tenhamos que se destaquem mais.

Figura IV - Carteira de Crédito PJ por Modalidade

Publicação	Março de 2018		Dezembro de 2017		Dezembro de 2016		Dezembro de 2015	
Capital de Giro »	54,1 milhões	32,0%	33,9 milhões	20,0%	23,7 milhões	16,3%	45,1 milhões	27,5%
Investimento »	11,1 milhões	6,6%	10,7 milhões	6,3%	8,5 milhões	5,9%	9,4 milhões	5,7%
Capital de Giro Rotativo »	56,0 milhões	33,1%	73,4 milhões	43,2%	65,3 milhões	45,1%	58,7 milhões	35,8%
Operações com Recebíveis »	18,3 milhões	10,8%	22,3 milhões	13,1%	20,8 milhões	14,4%	19,3 milhões	11,7%
Outros Créditos »	25,3 milhões	14,9%	25,4 milhões	15,0%	22,6 milhões	15,6%	29,9 milhões	18,2%
Rural e Agroindustrial »	4,3 milhões	2,6%	4,1 milhões	2,4%	4,0 milhões	2,8%	1,9 milhão	1,1%

FONTE: Adaptado de Banco Central, acesso 2018

3.1.3 Sobras da Cooperativa de Crédito Sicredi Centro-Sul MS

Posteriormente a associação, quando o associado integraliza sua cota, o mesmo já está apto a participar das Sobras da Cooperativa, assim como seu direito de voto na assembleia. Nas Cooperativas de Crédito o “Lucro” é chamado de sobras, tudo que sobra das operações realizadas ao longo do ano, equivaleria ao resultado positivo do balanço anual da cooperativa. Santos (2008, p.25) conceitua sobra líquida como a diferença entre os ingressos (numa sociedade comercial corresponderia à receita) e os dispêndios (numa sociedade comercial referem-se às despesas), ou seja, se a cooperativa apresenta ao fim do ano um balanço patrimonial maior do que o ano anterior a mesma apresentou sobras, porém se o patrimônio do ano for menor do que o ano anterior a mesma apresentou perdas. Estas sobras nas cooperativas, por serem resultados das operações de seus associados, podem ser rateados para os mesmos, diferentemente das instituições bancárias que os lucros são direcionados aos acionistas.

Portanto, para que uma cooperativa gere maiores sobras é necessário que os associados utilizem o máximo possível dos produtos e serviços oferecidos pela mesma. Este método é conhecido como “Princípio da Principalidade”, pois o associado consegue ter a cooperativa como sua principal instituição financeira, conseqüentemente maior receita, maior sobras. Na Cooperativa Sicredi Centro-Sul MS, podemos verificar que o número de associados e as sobras estão relacionadas, pois assim como o número de associados os resultados das sobras da Cooperativa vem crescendo ano após ano como pode ser observado na figura:

Figura V - Resultado Líquido

Ano	Resultado	Valor (R\$)
2018 (parcial)	Lucro	51,0 milhões
2017	Lucro	75,6 milhões
2016	Lucro	62,6 milhões
2015	Lucro	46,9 milhões

FONTE: Banco Central – Sistema IF. Data / Conglomerado Prudencial

3.1.4 Distribuição Sobras

As sobras retornam aos associados seguindo algumas normas. Sobre isso, Krueger afirma que:

Sobre a forma de devolução das sobras: A forma de devolução das sobras poderá ser direta ou indireta. A primeira prevê a devolução “em espécie”. A segunda, na forma de um crédito para nova prestação de serviços ou na retenção e simultânea transformação das sobras com os investimentos e sua destinação é dada pelos próprios associados. (KRUEGER,2003, p. 137).

A forma como será aplicada as sobras das cooperativas são decididas pelos associados durante Assembleia Geral Ordinária que ocorre uma vez ao ano e obedecerem dois critérios, os quais estão previsto no artigo 28 da lei nº 5.764/71. No regulamento que as cooperativas são obrigadas a criar 2 fundos a partir das sobras líquidas do exercício:

- **Fundo de reserva**, com a finalidade de reparar perdas e atender a realização de suas atividades, sendo constituído de, pelo menos, 10% das sobras líquidas do exercício;

- **Fundo de Assistência Técnica, Educacional e Social (FATES)**, para prestar assistência aos associados, seus familiares e, quando previsto em Estatuto, aos empregados da cooperativa, constituído de, pelo menos, 5% das sobras líquidas do exercício.

A Sicredi Centro-Sul MS aderindo as normas normalmente realiza suas assembleias gerais em março de cada ano, onde seus associados deliberam a forma como sobras serão distribuídas. Tem março de 2018 os associados durante Assembleia Geral Ordinária que ocorreu em Dourados, optaram por distribuir as sobras de 2017:

Conforme a aprovação em Assembleia, as divisões do resultado foram creditadas 50% do valor em conta corrente e 50% em cota capital. Entre o grande destaque, tem-se novamente a poupança, em que se manteve a decisão dos associados em distribuir 2% a mais sobre o saldo médio anual do associado. Também, sobre o saldo médio de depósitos a prazo e aplicações automáticas, foi aprovado a distribuição de mais 1,5%. (IMPrensa SICREDI, 2018).

Desta forma verificamos o resultado da cooperativa foi rateado em 45% em Fundo Reserva, 5% para Fundo de Assistência Técnica, Educacional e Social e 50% se tornaram sobras a serem distribuídos. Destes 50% de sobras a serem distribuídos, os associados da Centro-Sul MS optaram em utilizar parte das sobras para aumentar a rentabilidade da poupança, dando acréscimo de 2% sobre saldo mantido durante exercício, ou seja, um associado que manteve 1 mil aplicado durante um ano, teve seu rendimento mensal e ao encerrar o ano um acréscimo de 2%, neste caso 200 reais. Do mesmo modo também ocorreu que associados que mantiveram aplicação automática, porém adicional anual foi de 1,5%.

Esta decisão é uma estratégia da Diretoria e Associados da cooperativa, como atrativo para incremento na poupança, pois o governo federal permite as cooperativas do ramo de crédito que captam recurso em poupança possam utilizar parte destes valores em crédito rural nas linhas de custeios, investimentos e comercialização. Seguindo esta estratégia a Centro-Sul MS, no ano de 2017, incentivou seus associados a pouparem, o que gerou um incremento de R\$ 109 milhões na poupança, finalizando ano com R\$ 262 milhões aplicados, um crescimento de 78% em relação a 2016, no qual destes valores poderiam ser transformados em até 95% em crédito rural, permitindo então que somente em 2017 fossem concedidos R\$982 milhões em crédito (incremento de 28% relação 2016), especificamente o crédito rural foi responsável pela tomada de 538 milhões.

Das Sobras a serem distribuídas, após serem pagos os acréscimo de 2% da poupança e 1,5% da aplicação automática, o restante dos valores serão devolvidos aos associados, de forma a serem creditados 50% em conta corrente e 50% em cota capital. Os valores das sobras são distribuídos de acordo com a movimentação dos associados, todos associados recebem participação nas sobras, entretanto os que movimentaram mais receberam mais, baseado no método de “Princípio de Proporcionalidade”. Assim, as sobras distribuídas em conta corrente e cota capital nos últimos anos foram de:

- 2013 - 31.109 milhões de reais.
- 2014 - 44.403 milhões de reais.
- 2015 – 46.934 milhões de reais.

3.1.5 Fundo Social

O Fundo Social prenuncia mais uma vez a preocupação da cooperativa com a atuação local, pois parte dos resultados da cooperativa retorna para sociedade local através do Fundo Social, no qual cada agência recebe valores que deve ser destinado ao desenvolvimento social do município onde atua. O recurso do fundo social de cada agência poderá ser destinado a projetos culturais, esportivos, sociais, educacionais e ambientais existentes dentro da área de atuação da Sicredi Centro Sul MS. Estes projetos na qual podem ser destinados os recursos poderão ser desenvolvidos com públicos de todas as idades, sempre com a finalidade direta ou indireta de promover a cidadania e a cooperação. É obrigatório que a entidade beneficiada seja legalmente constituída, e não necessariamente deve ser associada a Cooperativa; entretanto é necessário que a mesma preste conta a Cooperativa de como o valor da doação foi aplicado. Os projetos que serão beneficiados são escolhidos e aprovados através de reunião composta por colaboradores Sicredi, Coordenadores de Núcleo, mediante a aprovação de maior parte dos membros e assinatura na ata da reunião.

3.1.6 Programa Crescer

A Cooperativa, na relação com a sociedade local, desenvolve o projeto dentro sua área de atuação, o mesmo constitui em um Programa de Formação Cooperativas do Sistema de Crédito Cooperativo – Sicredi, que tem como objetivo promover entre a sociedade a compreensão sobre o funcionamento das sociedades cooperativas, principalmente as cooperativas do Sicredi; nestas capacitações buscam difundir a cultura da cooperação a fim de

estimular o crescimento e capacitação dos cidadãos. Neste os cidadãos podem entender melhor o sistema cooperativista, entendendo quais são os deveres e direitos, o papel da cooperativa perante sociedade, assim como entender melhor o cotidiano e estratégia de cada cooperativa, abordando especificidades como a associação da cota capital, sobras, programas sociais, linhas créditos, dentre outros.

O Programa Crescer, criado em 2008 tem como finalidade qualificar a participação dos associados na gestão e dinâmica da cooperativa, portanto dentro da Sicredi Centro-Sul a capacitação é item obrigatório para aqueles que pretendem participar da gestão da cooperativa, nisto o Crescer é destinado aos associados e a sociedade em geral, sendo aplicado através de palestras no qual são realizadas bimestralmente em cada município que possua uma agência Sicredi; aos que não puderem realizar o curso de modo presencial, existe a possibilidade de realizar curso à distância, de forma online através do *site* das cooperativas, onde ao final do mesmo é submetido a uma avaliação. Em seu estatuto, o Programa Crescer declara que tem como objetivos específicos:

- *Contribuir para que os associados e os coordenadores de núcleo participem efetivamente da gestão da cooperativa de crédito;*
- *Propiciar o desenvolvimento pessoal para o exercício das atividades na cooperativa e na sua atividade profissional;*
- *Formar novas lideranças no processo de difusão das sociedades cooperativas;*
- *Propiciar que um maior número de pessoas participe da construção de novas formas de empreender. (CRESCER SICRED, 2018)*

Para difundir esses conhecimentos, foram planejados dois percursos de aprendizagem, com conteúdos organizados por rotas temáticas: Percurso 1 - Contribuindo para o crescimento coletivo; e, Percurso 2 - Compartilhando decisões e resultados. Até o ano de 2015 mais de 133 mil pessoas já tinham realizado o curso em todo sistema Sicredi. Na Cooperativa Sicredi Centro-Sul MS no ano de 2017, 730 associados foram capacitados no Programa Crescer de forma presencial.

O Programa qualificou os associados para atuarem no desenvolvimento da cooperativa, o mesmo aprofunda seus conhecimentos sobre cooperativismo e sociedade cooperativa, compreendendo melhor seu papel de dono de um empreendimento coletivo. Assim como compreende como está estruturado o sistema financeiro de sua cooperativa, ou seja, como esta estrutura a economia de sua região, abrindo portas para novos empreendimentos assim como negociações.

CONCLUSÃO

Desde 1902 quando cooperativismo chegou ao Brasil vêm ampliando sua área de atuação e crescendo continuamente no Brasil, materializando no espaço geográfico sendo uma importante instituição financeira no Sistema Financeiro Nacional. Segundo Pinho (2004) no Brasil as cooperativas de crédito vêm apresentando crescimento desde o Governo Militar; este crescimento vêm se dando tanto no número de agências de atendimentos, associados, nos empréstimos e depósitos.

Vemos que as cooperativas de créditos são estabelecidas sob a forma de sociedade cooperativa, objetivando prestar serviços financeiros aos seus associados como créditos, depósitos, investimentos, entre outros; Estes com mais benefícios que os bancos, pois nestas o que prevalece é o interesse do associado (dono capital), pois eles ajudam nas decisões, através dos votos nas assembléias, portanto são tratados como donos e clientes, diferentemente dos bancos que são apenas clientes. Com estes diferenciais as cooperativas de crédito tem se destacado no âmbito econômico, competindo cada vez mais com os bancos tradicionais, no qual em 2018 já possuía mais agências de atendimento do que os bancos tradicionais.

Segundo Morato e Costa (2001), a cooperativa é uma das formas avançadas de organização da sociedade civil, pois proporciona o desenvolvimento sócio-econômico aos seus integrantes e à sociedade e resgata a cidadania por meio da participação; as cooperativas podem se tornar um instrumento de desenvolvimento regional seja através da ampliação agencias (alguns municípios é únicas instituição financeira), seja pela distribuição Sobras, Fundo Social, e dos Programas Sociais e Educacionais.

Por fim podemos observar como a Cooperativa de Crédito Sicredi Centro-Sul MS tem sido importante para desenvolvimento regional do conesul deste Estado; mesmo está sendo uma das 5 Cooperativas do Sistema Sicredi presente somente no Mato Grosso do Sul, esta apresentou o 2 melhor resultado de todo sistema em 2017, presente em 23 cidades deste Estado, contando com mais de 26 agências de atendimento, no qual somente em 2017 apresentou um resultado de 75,6 milhões de reais somente nestes municípios; com perspectiva de expansão de agências e resultados para 2018.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BACEN, Banco Central Do Brasil. **Atualização mensal de dados**. Retrieved October 9, 2014. Disponível em: <<http://www.bcb.gov.br/?qevsfn201407>>. Acesso em 21 de outubro 2018.
- BIALOSKORSKI, Neto Sigismundo. **Aspectos Econômicos das Cooperativas**. Belo Horizonte: Mandamentos, 2006.
- BURNS, Edward McNall. **História da civilização ocidental: do homem das cavernas até a bomba atômica: o drama da raça humana**. 2. ed. Tradução Lourival Gomes Machado, Lourdes Santos Machado e Leonel Vallandro. Porto Alegre: Globo, 582 p. 1971.
- CHAVES, S. S. **O cooperativismo de crédito no Brasil: evolução e perspectivas**. In: **Desafios do Sistema Financeiro Nacional: o que falta para colher os benefícios da estabilidade conquistada**. Rio De Janeiro: Elsevier-Campus, 2011. p. 69-97.
- CENZI, Neiri Luiz. **Cooperativismo: desde as origens ao projeto de lei da reforma ao sistema cooperativo brasileiro**. 1ed. Curitiba: Juruá, 2012.
- COOP. Portal do Cooperativismo Financeiro. **Cooperativismo**. Disponível em: <<https://cooperativismodecredito.coop.br/cooperativismo>>. Acesso em: 09 de outubro de 2018
- CORREIA, Ângela de Castro; MOURA, Kátia Regina Lima. A apreensão da cultura e o não compartilhamento dos valores cooperativistas em uma cooperativa sediada em Natal/RN. Caderno de Pesquisas de Administração, São Paulo, v. 8, n. 04, p. 5. out/dez. 2001.
- DOUGHERTY, J. E.; PFALTZGARFF JR., R. L. **Relações Internacionais: as teorias em confronto**. Lisboa: Gradiva, 2003.
- FGCOOP. Fundo Garantidor do Cooperativismo de Crédito. **Plano Estratégico**. Disponível em <<http://www.fgcoop.coop.br/plano-estrategico-2018-2022>>. Acesso em 08 de novembro de 2018.
- HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.
- HAESBAERT, Rogério. **Regional-Global: dilemas da região e da regionalização na geografia contemporânea**. São Paulo: Bertrand Brasil, 2010.
- KRUEGER, Guilherme. **Cooperativismo e o novo código civil**. Belo Horizonte, 2003.
- MACPHERSON, Ian. **Princípios Cooperativos para o Século XXI**. Florianópolis: Coan, 2003.

MARIANO, Marcelo Passini; MARIANO, Karina L. Pasquariello. As teorias de integração regional e os Estados subnacionais. **Impulso**, Piracicaba; v.13, n.31, p. 47- 68. 2002.

MEINEN, E.; PORT, M. **O cooperativismo de crédito ontem, hoje e amanhã**. Brasília: Confebrás, 2012.

MENEZES, Antônio. **Cooperativa de crédito: o que é e quais seus benefícios**. Brasília: Confebrás, 2004.

MORATO, A. F.; COSTA, A. **Avaliação e estratégia na formação educacional cooperativista**. In: Cooperativismo na era da globalização. Goiânia: UNIMED, 2001. 446 p.

NAMI, Marcio Roberto Palhares. **Viabilidade das Cooperativas Abertas: Um estudo de caso da Cooperativa de crédito Mendes Ltda**. 1ª ed. Editora: Publit Soluções Editoriais. Rio de Janeiro, 2009.

OCB. Organização das Cooperativas Brasileiras. **História do Cooperativismo**. Disponível em <<http://www.ocb.org.br/ramos>> 12 de setembro de 2008.

OCB. Organização das Cooperativas Brasileiras. **Ramos do Cooperativismo**. Disponível em <<http://www.ocb.org.br/ramos>> 12 de setembro de 2018.

OLIVEIRA, Nestor Braz de. **Cooperativismo: guia prático**. Porto Alegre: AGE, 1979.

PINHEIRO, M. A. H. **Cooperativas de crédito: história da evolução normativa no Brasil. Crédito: história da evolução normativa ...** 6. ed. Brasília: Banco Central do Brasil, 2008. Disponível em: <<http://www.concursosbancarios.com.br/Dataweb/>> Acesso em: 23 de setembro de 2018.

POLÔNIO, Wilson Alves. **Manual das sociedades cooperativas**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2004.

REISDORFER, Vitor Kochhann. **Introdução ao cooperativismo**. Universidade Federal de Santa Maria, Colégio Politécnico, Rede e-Tec Brasil, 2014. 106 p.: il. 28 cm. 1, 2014.

SANTOS, T. I. **O mito do cooperativismo – cooperativa de associados ou condomínio de sócios?** 168p. Dissertação de mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação em Administração da UFPR, Curitiba, 2009.

SEBRAE. **Cooperativas Financeiras** 2011. Disponível em: <<http://www.bibliotecas.sebrae.com.br>>. Acesso em: 04 de outubro 2018.

SESCOOP. **Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo. Origem do Cooperativismo.** S.d. Disponível em: <<http://www.sescoopsp.org.br/default.php>> Acesso em: 27 junho 2014.

SCHNEIDER, José Odelso. **Democracia – participação e autonomia cooperativa.** Editora: UNISINOS. São Leopoldo, 1991.

SICCOOB. **Empréstimos em Cooperativas de Créditos.** Disponível em:<[https://www.oseudinheirovalemias.com.br/emprestimos-em-cooperativas-de-cr\(edito/\)>](https://www.oseudinheirovalemias.com.br/emprestimos-em-cooperativas-de-cr(edito/)>). Acesso em 07 de novembro 2018.

SICREDI, **Relatório de sustentabilidade 2017.** Disponível em <<https://www.sicredi.com.br/html/conheca-o-sicredi/sustentabilidade/arquivo/relato%C2%B4rio-de-sustentabilidade-sicredi-2017.pdf>> Acesso em 03 de novembro de 2018.

SICREDI, Cooperativa de Credito. **Sobre o Sicredi.** Disponível em: <<https://www.sicredi.com.br/html/conheca-o-sicredi/quem-somos>> Acesso em: 12 de outubro de 2018.

SICREDI, Cooperativa de Credito. **Programas e Projetos Sociais.** Disponível em: <<https://www.sicredi.com.br/html/conheca-o-sicredi/quem-somos>> Acesso em: 12 de outubro de 2018.

SICREDI, Cooperativa de Credito. **Relatório Disponível** em: <<https://www.sicredi.com.br/html/conheca-o-sicredi/quem-somos>> Acesso em: 12 de outubro de 2018.

SICREDI, Cooperativa de Credito. **Sustentabilidade.** Disponível em: <<https://www.sicredi.com.br/html/conheca-o-sicredi/quem-somos>> Acesso em: 12 de outubro de 2018.

SILVA, Raimundo Fernandes da, **A singularidade do voto na sociedade cooperativa.** Editora: Art. Grapf E. A. Artífices, 1928.

VICENTINO, Cláudio. **História Geral e do Brasil: Volume Único.** São Paulo: Scipione, (Série Parâmetros). 2001.